

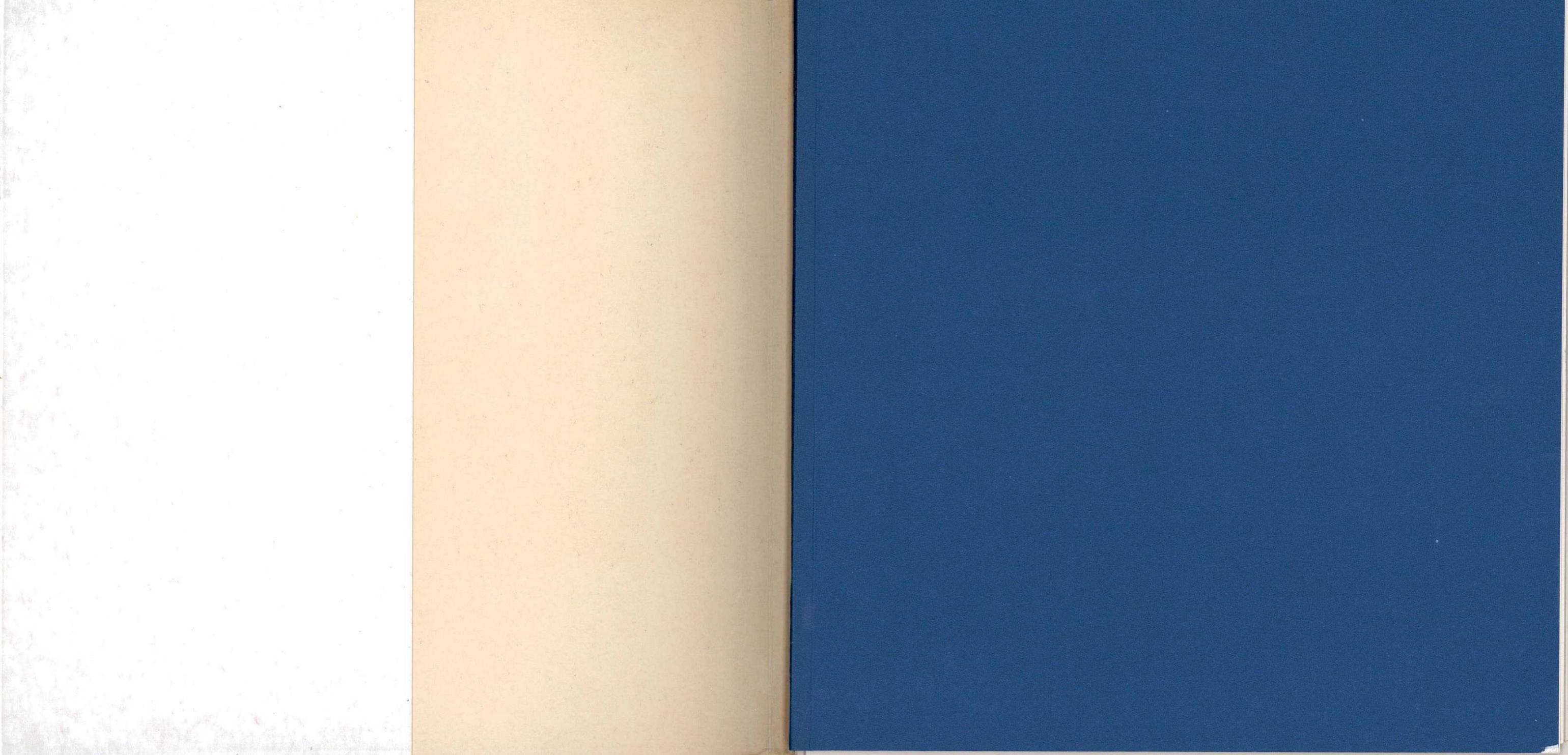


ARTISTAS
BRASILEIROS



**ACERVO DO GRUPO
SUL AMÉRICA DE SEGUROS**

Textos de Walmir Ayala



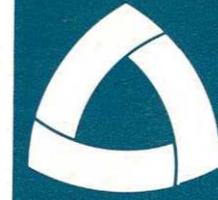


**ACERVO DO GRUPO
SUL AMÉRICA DE SEGUROS**

**ARTISTAS
BRASILEIROS**

Textos de Walmir Ayala

É crescente o interesse do empresariado brasileiro em participar do processo cultural e artístico do país. Neste contexto o Grupo Sul América de Seguros tem lugar destacado. Não só pelo fato de manter um acervo em permanente renovação e ampliação, mas também por imprimir a este acervo uma dinâmica de comunicação digna da mais oportuna ação museológica. Assim este acervo, em partes cuidadosamente selecionadas, tem percorrido várias cidades brasileiras, em exposições que informam sobre alguns dos momentos mais importantes da evolução da nossa arte, através de imagens marcantes e de manifestações expressivas consagratórias. Paralelamente, o Grupo Sul America tem patrocinado bolsas e prêmios de viagem, tem subvencionado catálogos de farta documentação, tem agido enfim, no dia a dia, com a mais clara decisão de se integrar a um todo de progresso, no qual a cultura mantém, sem dúvida, o nível de imagem mais urgente para bem definir a qualidade humanística de um tempo de avanço material. Nesta vereda, e com o mesmo entusiasmo e firmeza, o Grupo Sul America de Seguros promove o lançamento deste livro de arte, com reproduções de peças de seu acervo, devidamente situadas e comentadas. Nas exposições, como nas promoções documentais, como esta, a empresa devolve ao público a lição com que se gratificou, ampliando a oportunidade privada de convivência com a obra de arte, numa hora de grande acesso das comunidades aos patrimônios culturais.



APRESENTAÇÃO

A parte do acervo do Grupo Sulamerica de Seguros, aqui reproduzida, documenta uma boa parte do caminho percorrido pela arte brasileira, da Semana de 1922, em São Paulo, aos nossos dias. Ausente, sem dúvida, o contingente dinâmico e polêmico da vanguarda mais radical, da que aboliu o suporte e contestou qualquer tradição. Apesar disso, alguns dos nomes básicos da proposta visual desencadeada pelo movimento paulista da década de 20, propondo uma pintura mais de acordo com a nossa realidade, compareceu nesse pequeno livro de arte. Um livro cujo sentido mais profundo consiste em registrar o interesse de uma grande empresa, em marcar sua presença para além de um horizonte puramente comercial, em termos de ligação com as teorias do espírito e da inteligência, promovendo e estimulando cultura.

Neste roteiro de várias tendências das mais dinâmicas da criatividade contemporânea no Brasil, pontifica, como expoente da Semana de 1922, o nome de Di Cavalcanti. Participante da Semana, ativo, agente, agressivo, jovem culto e apaixonado por suas ideias, Di Cavalcanti construiu um patrimônio histórico dos mais importantes do nosso tempo. Portinari, que em 1922 figurava pela primeira vez no Salão Nacional de Belas Artes, ainda como artista tranquilamente acadêmico, apareceria numa exposição no Rio de Janeiro, em 1931, já com sinais de renovação. Portinari, que participaria em 1937, do Salão de Maio, estava fadado a ser o grande divulgador dos conceitos da arte moderna, de uma ideia mais larga e prática da nova linguagem desencadeada pelo modernismo. Volpi, enquanto isso, amadure-

cia seu laboratório interior de criação, um tanto isolado, constituindo, por volta de 1937, um grupo no atelier do Predio Santa Helena (S.Paulo), trabalhando junto com Bonadei e Rebolo, entre outros. No Nucleo Bernardelli, atuando no Rio de 1931 a 1937, surgiriam Milton Dacosta e Pancetti. Foi um período áureo para a confirmação do modernismo brasileiro, sobretudo pela atuação oficial de Rodrigo de Mello Franco de Andrade, frente ao Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, e de Gustavo Capanema, frente ao Ministério da Educação e Cultura. Neste período floresceu e se solidificou a imagem de uma nova arquitetura que se imporia internacionalmente, a arquitetura moderna brasileira.

Cumprir registrar que o Salão de Maio de 1937, apresentando obras de grandes nomes da arte internacional, como Ben Nicholson, Calder, Albers, Magnelli, contribuiria grandemente para a motivação de novos rumos de pesquisa artística, sobretudo na adesão nacional ao abstracionismo. Em 1937 Enrico Bianco chegaria no Rio de Janeiro e Heitor dos Prazeres pintaria seus primeiros quadros. No ano seguinte Caribé conheceria Salvador, onde viria a residir e atuar como verdadeiro artista brasileiro, um dos impulsores da arte moderna bahiana, ao lado de Jenner, Mario Cravo Jr. e Genaro.

Sob estímulo ainda da fecunda presença do Grupo Bernardelli, apareceriam no Rio, na década de 40, Teruz e Djanira. Teruz se destacaria por sua luta em favor da criação da Divisão Moderna no Salão Nacional de Belas Artes. Em 1941 Pancetti conquistava o premio de viagem ao Exterior na citada Divisão. Em 1940 Marcier vinha para o Brasil e são conhecidas as primeiras obras de Manabu Mabe. Bianco faz sua primeira individual no Rio de Janeiro e Djanira conhece Marcier com quem faz estudos de pintura. Em 1941 Inimá de Paula, pintor mineiro, integra o grupo de artistas novos do Ceará, com Antonio Bandeira e Aldemir Martins, entre outros. No mesmo ano em que Iberê Camargo transfere sua residência para o Rio de Janeiro (1942) Djanira participa pela primeira vez do Salão Nacional de Belas Artes. No ano seguinte Iberê cumpria estudos de gravura com Guignard e H.Steiner, liderando um movimento em favor da melhoria das condições econômicas do artista brasileiro. Por esta época o pintor pernambucano Reynaldo Fonseca chega ao Rio onde estuda com Portinari. Em 1947 Iberê conquistava o premio de Viagem ao Exterior no Salão Nacional e Marcier executava suas primeiras obras murais. Em 1948 Krajcberg vem para o Brasil e neste mesmo ano realizam-se no Rio as primeiras individuais de Inimá de Paula e de Newton Resende, este último um criador egresso do âmbito do desenho publicitário.

Em 1951 realizava-se a primeira Bienal de São Paulo, dando força ao abstracionismo, de cuja tendência o acervo do grupo Sulamerica reúne expressivo mostruário: Iberê Camargo, Manabu Mabe, Fukushima, Wakabaiashi, Ianelli, Toyota, Abelardo Zaluar, Maria Polo, Marcia Barroso do Amaral, Kracjberg. Na década de 50 tem início a fase abstracionista de Arcangelo Ianelli, enquanto no Sul, Carlos Scliar funda o clube de Gravura, um movimento importante em prol da nova gravura brasileira. No momento em que Manabu Mabe conquista o prêmio de melhor pintor brasileiro, na 1.ª Bienal de São Paulo (1951), Fukushima participa da mesma bienal e são conhecidos os primeiros trabalhos de Raimundo de Oliveira. Entre os primeiros vestígios do informalismo, na 1.ª Bienal de São Paulo, e a confirmação do tachismo na Bienal de 1959, o processo artístico brasileiro amadureceu movimentos importantes, como o Concretismo e o Neo Concretismo, contrapondo-se ao movimento de 1922 e suas ideias de um arraigado nacionalismo. Em 1957 Krajcberg recebia o prêmio de melhor pintor nacional na Bienal de São Paulo, ano em que Rosina Becker do Valle inicia seriamente sua produção pictórica. Neste mesmo ano o Concretismo realiza uma exposição com participação, entre outros, de Ivan Serpa, Ligia Clark, Weissmann, Amilcar de Castro, Aluisio Carvão. Em 1958 tem início a fase de carretéis, de Iberê Camargo, transição segura e coerente para o abstracionismo do qual seria um dos mais importantes exemplos na pintura brasileira. Em 1959 Toyota e Maria Polo expunham pela primeira vez no Brasil, o primeiro em São Paulo, a segunda no Rio. É o ano da divulgação do manifesto neo-concretista, tendo à frente Ligia Clark e Helio Oiticica. Com o surgimento do tachismo,

na Bienal de São Paulo, o mercado de arte brasileira ganha um novo impulso, e pode-se dizer que inicia aí o período áureo da especulação mercadológica no gênero, com o surgimento de novas galerias, com caráter empresarial, bem como a preparação para o incremento de leilões e a fixação da obra de arte como mercadoria de alto investimento.

Na década de 60 temos a proliferação de ações e reações que incluem os happenings, a Pop arte, nova objetividade, a imposição do objeto e da seriação (múltiplo), o conceitualismo, a nova figuração, a abordagem do novo realismo com todas as suas implicações fotográficas e obsessivas. Paralelamente, um interesse revisionista dirige-se para a produção da arte ingênua, principalmente pela importância dada por Ivan Serpa, em seu curso no Museu de Arte Moderna, a estes criadores do instinto. 1960 é o ano em que Ivan Morais faz seus primeiros estudos com Serpa. No ano seguinte Wakabaiashi apareceria em São Paulo. No ano de 1963 Abelardo Zaluar conquistava o prêmio de Viagem ao Exterior no Salão Nacional de Arte Moderna, iniciando por esta época a produção geometrizarante de Marcia Barroso do Amaral ao mesmo tempo que apareceria, se impondo, o neo expressionismo do bahiano José Maria.

Neste breve apanhado histórico tentamos situar, principalmente, os artistas documentados nesta obra, avaliando sua significação temporal num processo variado e ansioso de uma definição a partir de sua realidade imediata.

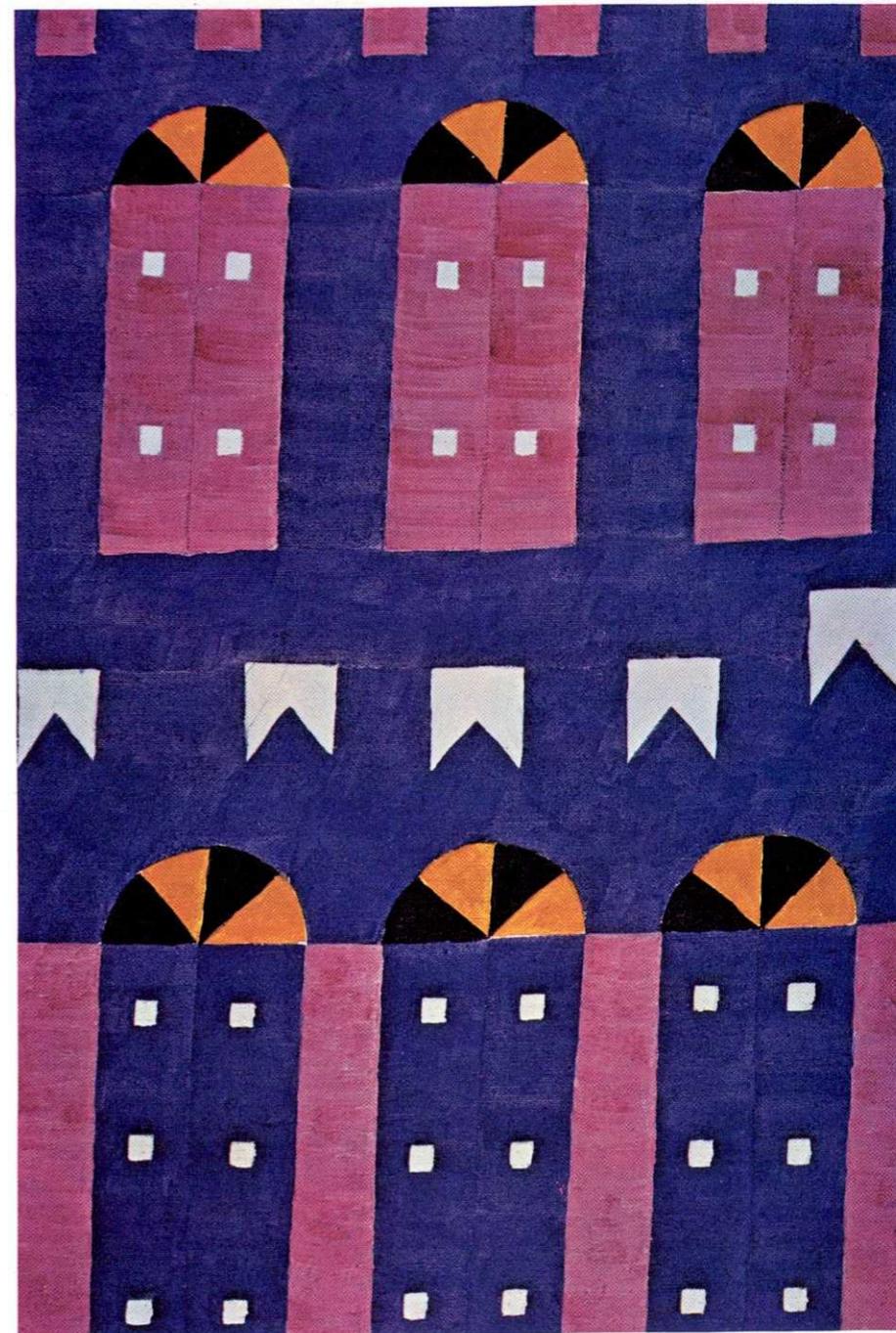
Walmir Ayala

ALFREDO VOLPI

Alfredo Volpi nasceu na Itália em 1896. Veio para o Brasil antes dos dois anos de idade, fixando-se em São Paulo onde reside até hoje. Começou como pintor de parede (murais decorativos), em seguida ingressou criativamente na pauta da arte ingênua. Mari-nhas, casarios, paisagens, revelavam a sensibilidade de cor e transcrição gráfica, num artista autodidata e empenhado em relatar uma visão positiva do mundo. Com o tempo suas fachadas de casa foram se geometrizando, com espontaneidade, mas já revelando um sentido profundo da composição e da modulação de detalhes capazes de refletir um construtivismo subjacente. Na década de 50, influenciado pelo concretismo, sua pintura adquiriu um rigor inadequado à espécie de tratamento da têmpera em sua obra, de uma sensibilidade emotiva e vibrante. Esta fase foi substituída por uma natural abertura, e o próprio Volpi afirma jamais ter aderido ao concretismo, mas ter sido incluído em sua milícia, pelos teóricos que viam nele um criador afim com as teorias desse geometrismo exacerbado.

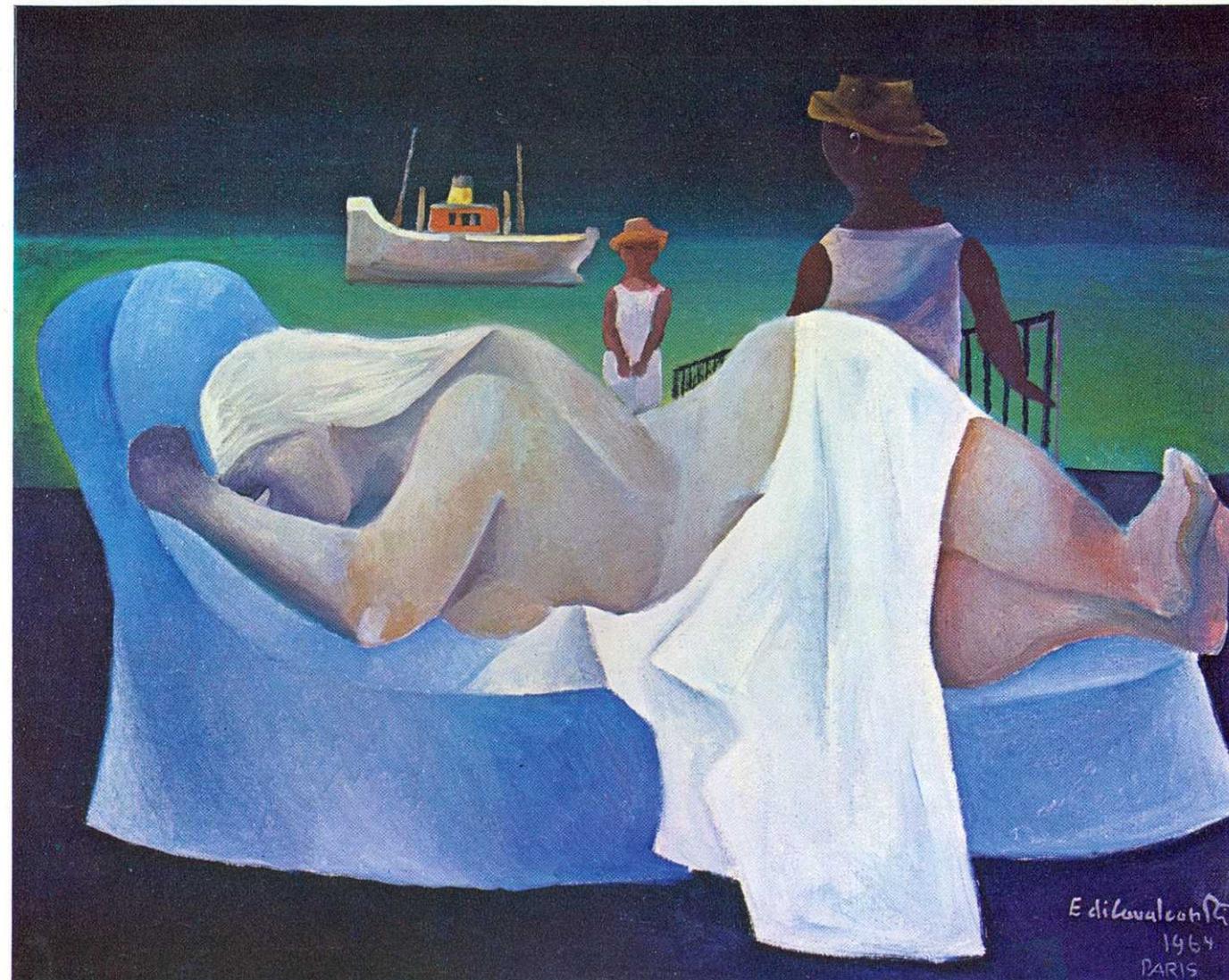
A parte mais importante de sua obra é exatamente aquela em que interpreta motivos festivos do povo brasileiro, em linguagem universal. Bandeirolas, mastros juninos, cores caipiras, tudo passada a limpo por um sentido do essencial, por uma linguagem de estruturas, à qual não falta o calor de uma pincelada pulsante, através da qual se sente o homem capaz de dar alma a qualquer geometria. Volpi, pela categoria de sua revisão da pintura, da realidade nacional, e pela extensão de sua universalidade, firmou-se como um dos maiores pintores brasileiros de todos os tempos, um modelo exemplar da possibilidade que tem nossa arte de ser realmente maior num cotejo internacional.

Ao lado "Bandeirinhas" — Original: 0,75 x 1,10m



EMILIANO DI CAVALCANTI

Emiliano Di Cavalcanti nasceu no Rio de Janeiro em 1897. Expôs pela primeira vez em 1917 e em 1922 participou com grande relevância, da Semana de Arte Moderna em São Paulo. Sua atividade de caricaturista e cronista, além de pintor, marcaram-no como a figura mais efervescente, no campo das artes plásticas, dentro do acontecimento da Semana. Realmente, Tarsila, tida como musa inspiradora do movimento nem expôs nem estava no Brasil; Vicente do Rego Monteiro, que mais tarde viria a impor-se como um dos gênios criadores da nossa arte contemporânea, aparecia entre os expositores de 1922 por acaso, e residia em Paris. Di Cavalcanti, ao contrário, viveu cada segundo, cada sonho e irreverência, cada teoria e cada gesto. Pesou cada vaia e cada aplauso, de corpo presente. Passou o tempo e Di viveu, entre a Europa e o Brasil, criando uma pintura brasileira das mais impositivas. Muitos críticos já apontaram a grande família de pintores a que Di Cavalcanti se filia, indo de Cimabue a Delacroix, mas uma coisa é certa: de tudo isto restou uma pintura inconfundivelmente nossa, com rasgos composicionais do americanismo mexicano; mas ainda assim confirmando nossa realidade continental. Não só pela mulata, mas pela cor quente e generosa, pelo mistério dos ambientes e de uma cenografia sensual, a pintura de Di Cavalcanti é um patrimônio expressivo do que temos de mais imediato, em termos de vivência e realidade. Suas imagens, com raras exceções, mantiveram-se no limiar dos espaços populares e pequenos burgueses. Mesmo nas naturezas mortas e nos motivos sacros, havia um ressaibo pungente de mesa pobre, de região primitiva e nada eloqüente, de coisa para ser curtida com paixão. O real conserva sempre, em sua pintura, seu gosto terrestre.



CANDIDO PORTINARI

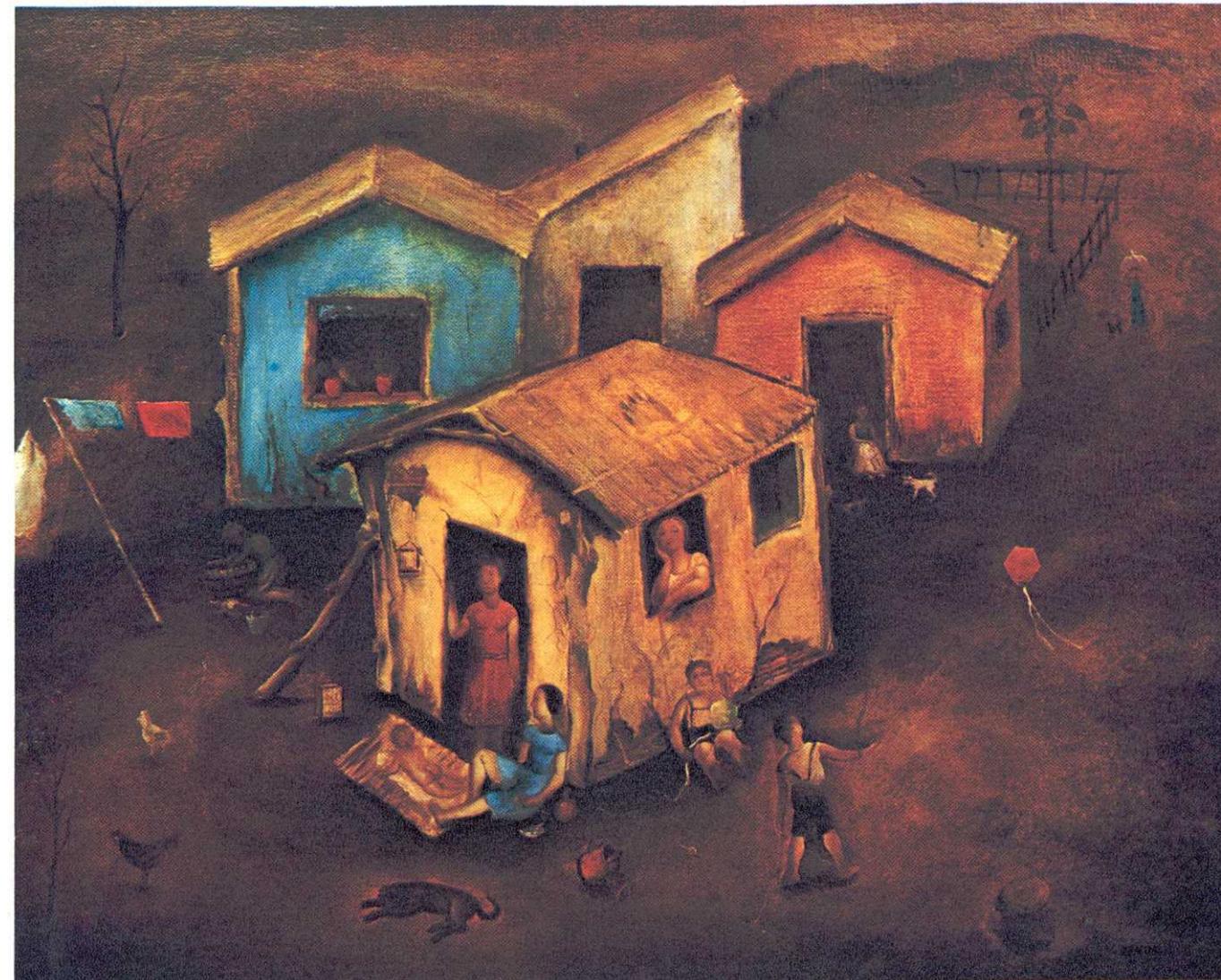
Candido Portinari nasceu em Brodoski, Estado de São Paulo, em 1903. Em 1918 tomava aulas de pintura na Escola Nacional de Belas Artes, tendo por professores Lucílio de Albuquerque e Rodolfo Amoedo. Em 1922 comparecia no Salão Nacional de Belas Artes, no qual conquistaria, em 1928, o prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Os sinais de renovação na pintura de Portinari ocorrem em 1931, quando de sua volta da Europa em gozo do prêmio do Salão. O muralismo, os temas da infância, assomam de sua expressão até então influenciada pelo academicismo. Seu quadro Café, pintado em 1934, conquista uma menção honrosa na exposição internacional do Instituto Carnegie, de Nova Iorque. A esta altura Portinari já se concretizava, como representante oficial do modernismo no Brasil. Deve-se mais a ele, sem dúvida, a popularização das teorias modernistas, pela série de painéis que realizou para prédios públicos, bancos e colégios, impondo uma nova imagem da pintura, em locais de grande frequência e influência didática. Sua pintura segue a trilha do muralismo mexicano, adota em parte o vocabulário cubista, sobretudo se mantém fiel aos temas sociais brasileiros, comunicando uma versão muito pessoal e procedente da realidade nacional. Tornou-se o pintor mais apaixonante do modernismo brasileiro, sobre o qual apoia-se uma fortuna crítica das mais verticalizantes. Sua figura e posição são permanentemente reavaliados, resistindo pela importância de sua obra e significado de sua vida. Ao contrário dos movimentos elitistas que pretendem pelo choque “converter” a massa a um conceito novo de visualidade, Portinari propõe permanentemente, com seu trabalho sempre comunitário, uma educação do ver bem mais humanizada e funcional. Portinari faleceu no Rio de Janeiro em 1962.



Ao lado "Espantalho" — Original: 0,60 x 0,73m

ORLANDO TERUZ

Orlando Teruz nasceu no Rio de Janeiro em 1902. A partir de 1924 começou a participar do Salão Nacional de Belas Artes. Junto com Portinari e Lucio Costa foi dos primeiros a idealizar uma divisão moderna neste salão, discernindo sem dúvida o rumo inadiável do processo artístico depois do movimento de 1922. Em 1937 recebeu o prêmio de viagem ao Exterior no Salão Nacional de Belas Artes. Participou das duas primeiras bienais de São Paulo e participou de várias mostras internacionais. Sua pintura, tematicamente, oscila entre o depoimento de circunstâncias populares, e um clima fantástico, expresso sobretudo pelo uso da cor e suas luminescências. Brigas de galo, cirandas, cavalos empinados, figuras nas quais se intui a influência remota do cubismo, o mesmo que determinou a deformação da pintura de Portinari e Di Cavalcanti, surgem com frequência na vasta produção terusiana. É um artista que sente e comunica o prazer de seu ofício, disputado por colecionadores, com uma obra que está a merecer uma retrospectiva seletiva, que dê o tempo de observação das muitas e coerentes fases de sua evolução. A figura brasileira na nossa arte, tem em Teruz um sério intérprete. O homem do povo aparece com simplicidade e realismo, no ambiente poeticamente aclarado de suas paisagens. Teruz tem obras em museus da Itália e da Rússia; no Museu de Arte de São Paulo e no Museu Nacional de Belas Artes, no Brasil.



Ao lado "Morro" — Original: 0,90 x 1,00m

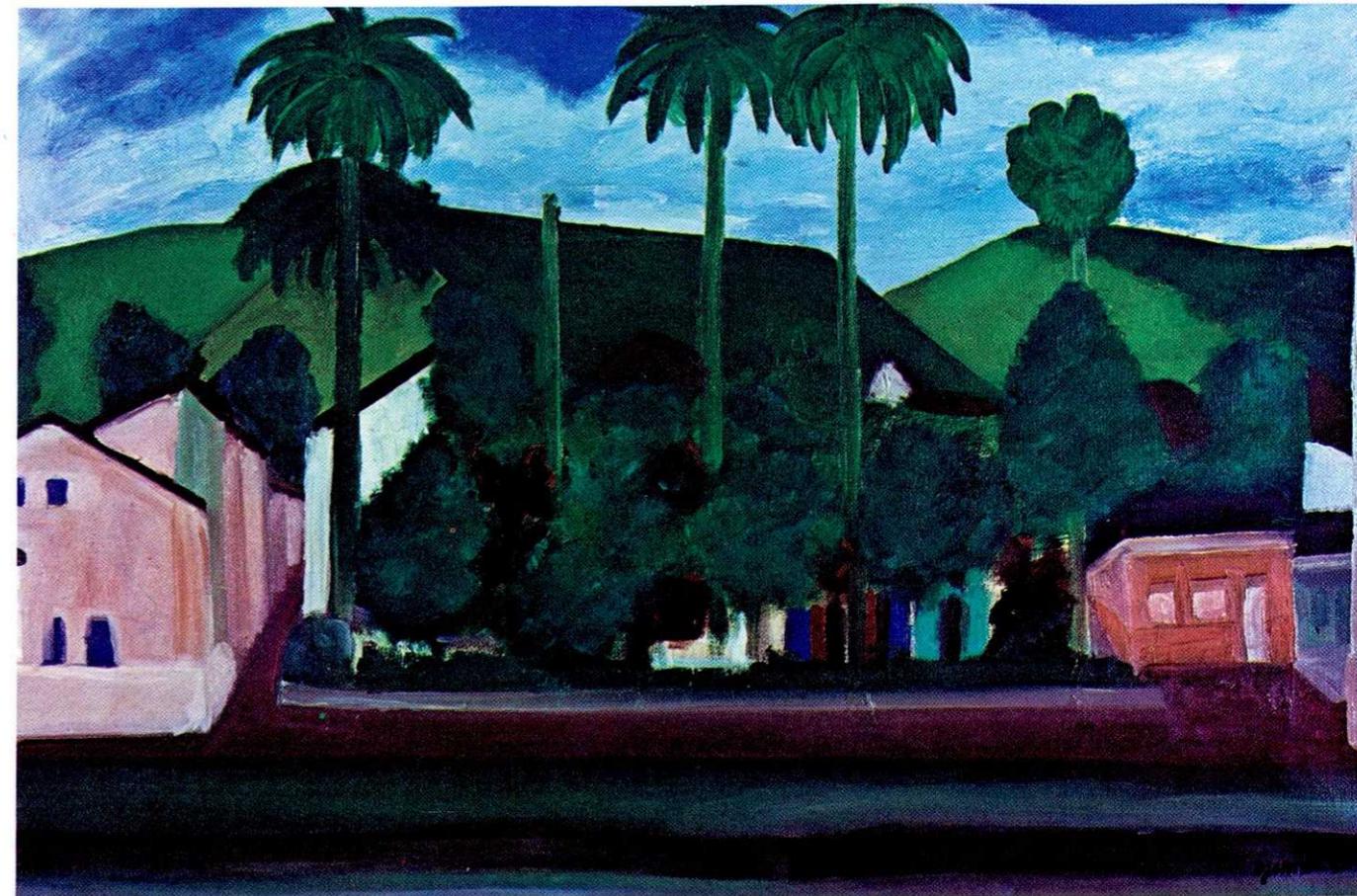
JOSÉ PANCETTI

José Pancetti nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 1904 e faleceu no Rio de Janeiro em 1958. No princípio de sua vida, entre o Brasil e a Itália, trabalhou em carpintaria e numa fábrica de material bélico. Ingressou na marinha italiana e mais tarde na marinha brasileira. Num tempo intermediário entre estes dois estágios trabalhou como pintor de parede. A bordo do seu primeiro navio começou a pintar e a ser estimado e valorizado como pintor. No Rio participou do Núcleo Bernardelli onde teve o primeiro contato com artistas profissionais da época. Em 1933 participou pela primeira vez do Salão Nacional de Belas Artes, no qual conquistaria mais tarde o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Pancetti residiu em várias regiões do país, sempre atraído por praias e mares inspiradores. Pancetti, um colorista por excelência, fiel às marinhas de sua vida, raramente agressivo na invenção da matéria, sempre sábio na organização de composições que utilizavam a paisagem como pretexto para um exercício de ordem e equilíbrio visual. Enganosamente ingênuo, como tantos outros pintores sem escola, Pancetti foi guiado por uma poderosa intuição e curiosa originalidade, criando o que se poderia chamar de estilo. O magnetismo de sua cor, vasada nas mansas figurações litorâneas, não foi superada, à sua maneira, em nossa arte, em que pese o bom número de imitadores ingênuos e esforçados de suas paisagens despojadas. O ser humano também o interessou muito. Seus retratos são famosos. O fator humano, aliás, está presente mesmo em suas paisagens desabitadas — é uma forma de situar o manso repouso das pedras sobre a areia, ou de estender esta areia ao toque sutil das águas, ou de desdobrar os tons com que as águas se mostram mais profundas à medida que alcançam o horizonte. A grande poesia, a grande força de pintor, a liberdade criadora e existencial de seu ofício, fazem de Pancetti um glorioso solitário na história da pintura brasileira.



DJANIRA DA MOTA E SILVA

Djanira da Mota e Silva nasceu em Avaré, São Paulo, em 1914. Trata-se de uma artista autodidata, com poucos meses de orientação técnica ministrada por Marcier. Principalmente uma pintora por instinto, que teve a felicidade casual de fazer-se acompanhar de um grupo de artistas dos mais sérios, no início de sua carreira. Seus dados biográficos registram que, por volta de 1940, conhece, no bairro de Santa Teresa, onde morava, Jean Pierre Chabloz, Milton Dacosta, Scliar, Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva, entre outros. Estes modelos de profissionalismo e consciência de ofício, devem ter marcado o processo de Djanira, mestiça de europeu e índio, sanguineamente rica dos impulsos primitivos e das memórias mais civilizadas. Djanira começou a expor em 1942. Daí em frente figurou com frequência em salões e bienais, individuais e coletivas dentro e fora do país. Sua pintura tem a marca do ingenuismo, mas a disciplina e o fervor do métier, transformaram-na numa pintora refinada, fiel a uma imagem assumida desde a sua origem. A imagem do povo, o trabalho do povo, a religiosidade e simplismo da iconografia do povo. Disso Djanira não se afastou, construindo uma pintura de cores chapadas, geralmente alegre e organizada com simetrias e repetições tão a gosto das culturas populares. Sobre isto ela tem investido sua imaginação, sua cor desmistificada, cuja sabedoria consiste na aproximação exata das áreas expressivas. É importante notar que uma delicada enfermidade, afastando Djanira possivelmente da dinâmica doméstica, revelou nela esta outra forma de ser e agir, pelo pensamento e pelo espírito, que é a atividade artística. Foi no sanatório de São José dos Campos, quando ainda muito jovem, que Djanira sentiu-se despertar para o exercício do desenho. Pode-se mesmo, afirmar que sua arte, seu trabalho cotidiano, arredo e iluminado, manteve-se na pauta singela do exercício religioso.

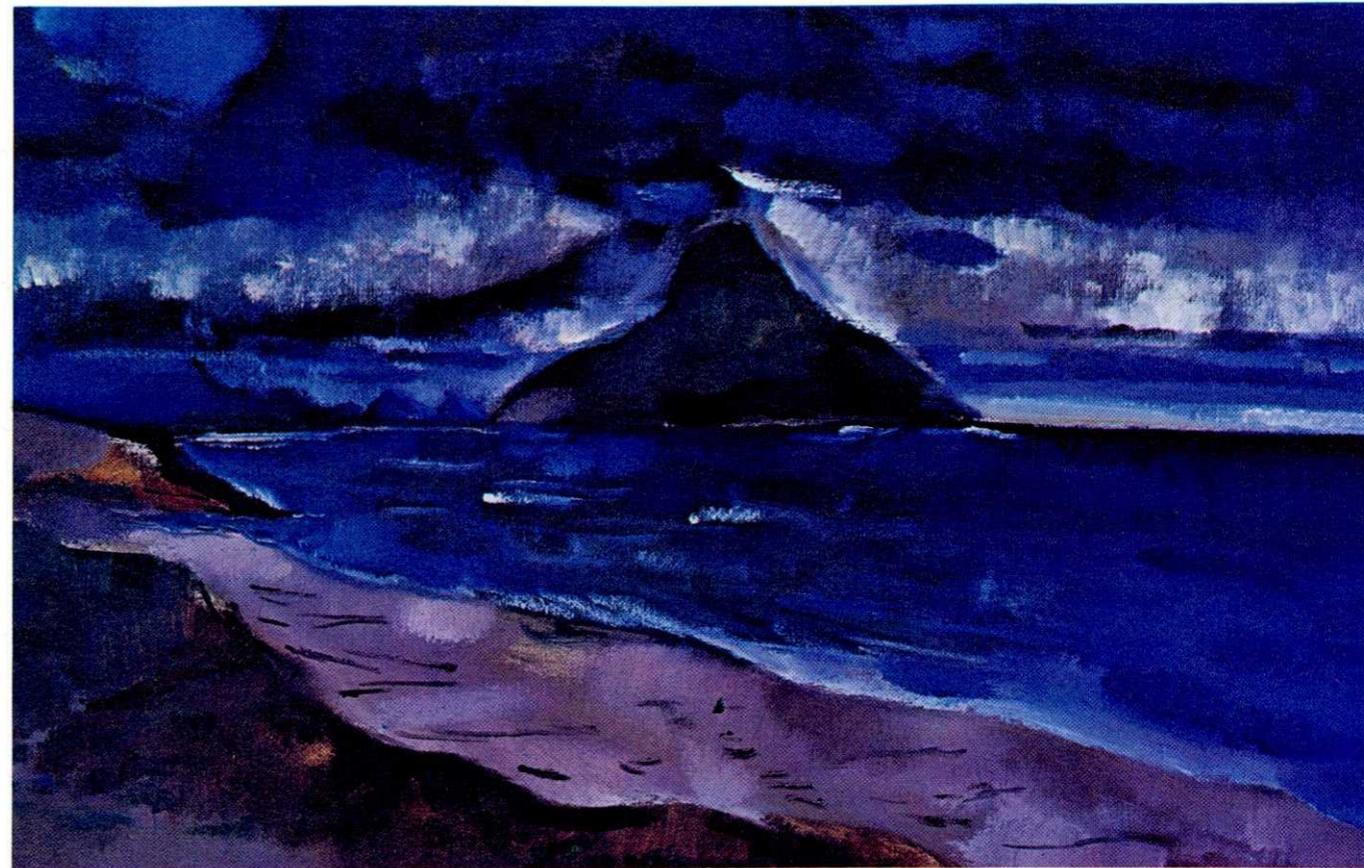


E MERIC MARCIER

Emeric Marcier nasceu na Romênia em 1916. Residiu na Itália e na França, antes de transferir residência para o Brasil onde se naturalizou. Em 1940 fixou residência no Rio de Janeiro e neste mesmo ano começou a expor. Atraído pelo clima das antigas cidades mineiras, residiu durante muito tempo em Barbacena (a partir de 1947). Sua pintura, apesar das paisagens e retratos, ficou célebre pelo dramático e pessoal enfoque dos temas sacros. A solidão, a aridez, a mineralidade da paisagem mineira, deram-lhe o subsídio emocional exato para a resolução destas cenas patéticas, principalmente do Novo Testamento, ou seja, da vida de Cristo. O tom expressionista de seu registro, serviu bem a incorporar estas figuras longilíneas e espiritualizadas, circundantes do drama da paixão, identificadas com a figura central do Cristo, num processo de imaterialidade e penitência. O depoimento plástico de Marcier vem impregnado de fé. Sente-se que o artista vive o que comunica, é um ser que frequenta os mistérios de uma era de sombra e gemido, na qual brotou a primeira manifestação histórica de solidariedade humana, compaixão e amor ao próximo.

Na pintura de Marcier, a paisagem interior e a exterior se completam, isto é, a alma está continuando as coisas e se projetando nelas. Cada árvore do Calvário é um depoimento de nova liturgia, e a pesquisa da beleza não dá trégua a este povoador místico de espaços em transe. Os animais, as lanças, as colinas, as abstrações, contracenam com emoção, e referem-se à fatalidade da vida e da morte, em termos de revelação e alegria. Mas uma alegria como a dos mártires à espera da ressurreição. O sofrimento de seus santos está repleto de dignidade e transcendência.

Além do Brasil, Marcier já mostrou suas obras em Paris, Tóquio, Bucarest, Roma, Lisboa, México, Salzburgo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, entre outras.



MILTON DACOSTA

Milton Dacosta nasceu em Niterói em 1915. Reside atualmente no Rio de Janeiro. A figura feminina tem sido o projeto formal sobre o qual Milton Dacosta vem pesquisando nos anos mais fascinantes de sua ascendente carreira. Esta figura que já atingiu a máxima abstração geométrica, que tem servido à obsessiva construção de curvas e voluptuosidade, pondo em questão a exuberância de nosso barroco estatuário, resiste como um pretexto despojado e vibrante na concepção de uma pintura de etéreo cromatismo e silenciosa pulsação. De uma certa forma Milton Dacosta, em sua produção recente, varia sobre Botticelli, à sua maneira, com uma ponta de ironia e maliciosa doçura, com total despojamento de tudo aquilo que não seja a reprodução essencial de um objeto mental. A arte de Milton Dacosta é a prova da vitalidade da pintura, da energia, personalidade, e desinteresse por outra coisa que não a febre de criar. Sobretudo uma lição da liberdade de cumprir um destino, acima das tendências e teorizações radicais. Milton Dacosta começou a expor em 1933 e em 1944 conquistou o prêmio de viagem ao Estrangeiro na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes. Foi um dos mais importantes inovadores na linha do construtivismo, motivado especialmente pela informação visual da Bienal de São Paulo criada em 1951. Dacosta faz lembrar Vicente do Rego Monteiro quando informava estar sempre refazendo um tema obsessivo, reestudando uma fórmula em termos matemáticos, freqüentando como um arquiteto o projeto sempre inacabado de uma planta iluminada de perfeccionismo. Num e noutro a emoção é comandada pelo instinto de despojamento, de minimalização, de redução formal para dar maior espaço à alma. E a alma é tudo aquilo que sobeja quando a comunicação se estabelece, esteja ela apoiada no aparente sensualismo ou na silenciosa transfiguração.

Ao lado "Mulher com Bicicleta" — Original: 0,80 x 0,80m



IBERÊ CAMARGO

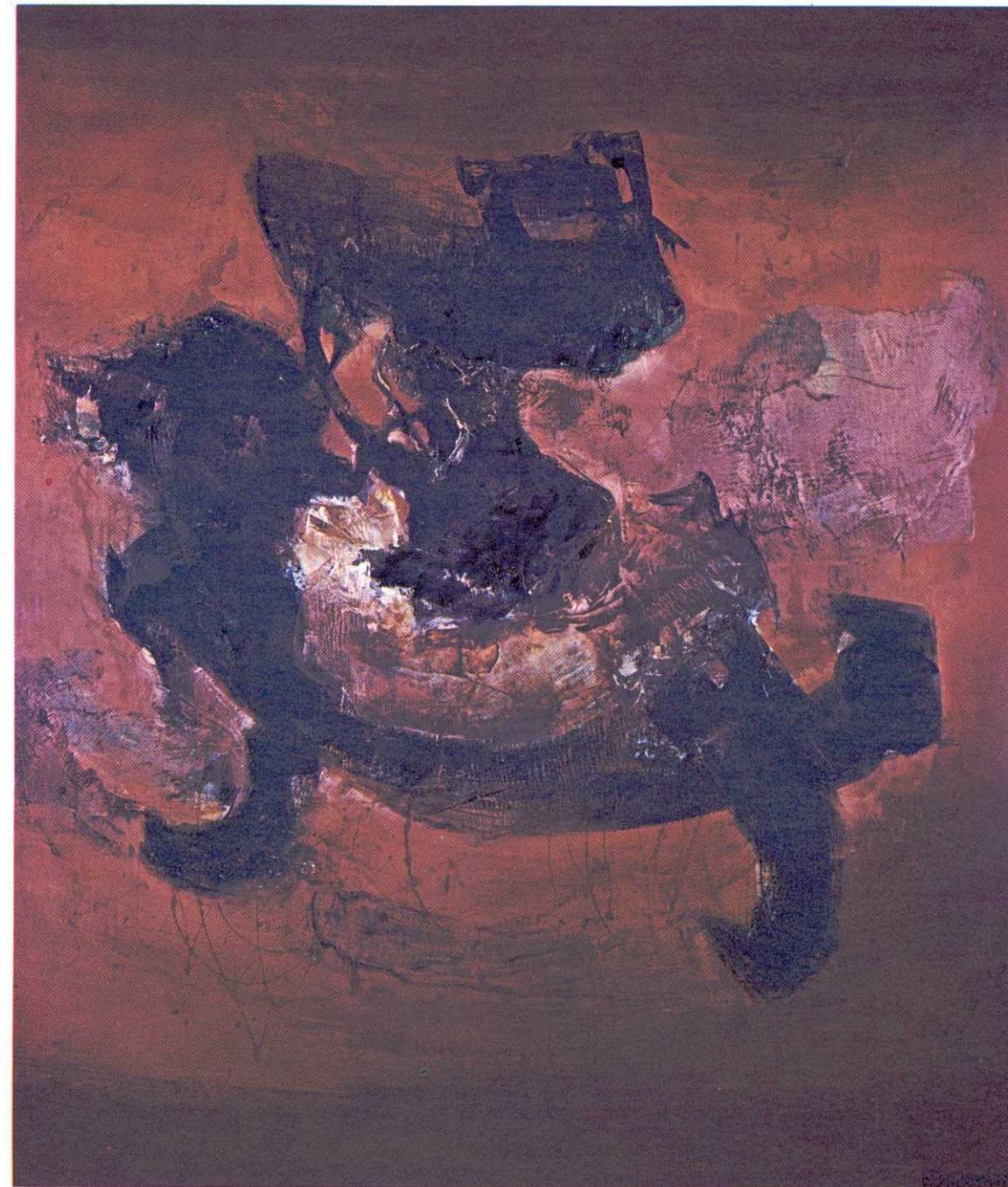
Iberê Camargo nasceu no Rio Grande do Sul em 1914. Em 1942 transferiu residência para o Rio de Janeiro e no ano seguinte fundou o grupo Guignard, de tendências mais modernas e contestatórias ao método de ensino da Escola Nacional de Belas Artes contra o qual se rebelara. Em 1947 obteve o Prêmio de Viagem ao Exterior na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes. De sua estada na Europa aperfeiçoou-se, principalmente, na técnica da gravura, da qual viria a ser posteriormente, um dos grandes mestres brasileiros. Em 1962 realizou uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no ano seguinte a Bienal de São Paulo dedicou-lhe uma sala especial. Neste tempo já estava consagrado como um dos pintores abstracionistas mais importantes do modernismo brasileiro. Seu abstracionismo surge eivado de signos, marcado por um gesto denso, por um instinto de criação que releva a matéria da pintura em quase montagens de textura. Disciplinado, rigoroso, obsessivo, sua luta com o espaço leva-o a longas vigílias entre ele e a obra, muitas vezes à procura de uma solução formal, cuja importância é capital em seu processo de criação. Seu gestualismo, aparentemente desordenado, repousa sobre uma base conscientemente refletida. As formas que voltam com frequência em seu vocabulário expressivo, reportam-se às memórias de infância. Algumas fases de sua obra recente viram-se povoadas de imagens figurativas muito especiais, como é o caso dos carretéis (com os quais ele brincava ainda menino junto à máquina de costura de sua mãe). Estes carretéis deformam-se, agigantam-se, diminuem, assumem proporções de um dissimulado erotismo, sobretudo servem de justo pretexto aos mais imaginosos jogos de composição e cor.



TIKASHI FUKUSHIMA

Tikashi Fukushima nasceu no Japão em 1920. Em 1940 veio para o Brasil onde reside até hoje. Em 1951 participou da I Bienal de São Paulo, na qual se apresentou até a IX edição. Tem Participado de vários salões nacionais. Seu caminho, dentro do informalismo, segue estruturalmente a motivação do lirismo materialmente etéreo. Mais próximo da experiência de um Mabe, encontra-se contudo, em sua obra, aquele toque de luz dispersa, de cor que se impregna do próprio ar, transformando a atmosfera num véu que o espectador atravessa e respira ao mesmo tempo. O clima de sonho de seus horizontes, a qualidade silenciosa de seus espaços, confirmam-se num amadurecimento disciplinar que não cessa. Há em seus trabalhos, em seus mundos despoitados, o sinal de uma emoção arrebatada, o limiar de uma área convulsionada por movimentos íntimos do espírito. A permanente recriação de um estado de espírito, parece ser o modelo deste retrato incessante da matéria em ordenação. Há um movimento sob aquelas massas escuras, com rasgos de cor iluminada, como a convulsão da matéria informe procurando uma identidade com a imagem ideal dos seres na memória do Criador. Tecnicamente, o informalismo de caráter oriental, adquiriu em Fukushima o mais alto refinamento dentro do panorama da pintura brasileira contemporânea. Irredutível, silencioso e firme, este pintor continua a mover seu cosmos latejante, e encontra neste permanente estado de vir-a-ser, a conquista expressiva ideal para a realização de sua obra. Uma destas obras que permanecem como um baluarte de resistência, num tempo de avalanches sensacionais e dinamitadoras, de vanguardas céleres e sobretudo de vanguardas profissionais. Sua obra, como a de todo o artista verdadeiro, está sempre na vanguarda, seja qual for o tempo da idéia matriz que vai germinando. Valem, no caso, a verdade e a qualidade da vivência.

Ao lado "Abstrato Marrom" — Original: 0,80 x 1,80m



F RANS KRAJCBERG

Frans Krajcberg nasceu na Polônia em 1921. Em 1949 veio para o Brasil, residindo em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. Neste ano realiza sua primeira individual aqui, numa galeria paulista. Passa a participar da Bienal de São Paulo, conquistando o prêmio de melhor artista nacional em sua quarta edição. Em 1963 tem uma sala especial na VIII Bienal de São Paulo e participa, no ano seguinte, da XXXII Bienal de Veneza. Nesta época realiza várias exposições no Brasil e no Exterior. Passa largas temporadas na Europa, firmando seu nome no panorama artístico internacional, sem contudo se desligar dos motivos brasileiros. Vem buscar sempre aqui, especialmente em Minas Gerais e no Paraná, matéria prima (da natureza) para a criação de suas esculturas e relevos. As formas retorcidas de certos troncos e flores de madeira, ressaltam de suas "interpretações", nas quais a cor entra como um elemento de fantasia. Por vezes transforma em selvas brancas estas tramas de troncos que desenham naturalmente estruturas espontâneas e rigorosamente construídas, na elevação de uma curiosa permanência formal. Fósseis de uma nova arqueologia, esta botânica abstratizante de Krajcberg impôs-se ao mundo. Ao mesmo tempo que Krajcberg questiona o comportamento artístico do pintor convencional e seus suportes, adota a natureza como paradigma, quer criar com a natureza, continuando sua fatalidade e harmoniosa inconsciência. Ao contestar o comportamento acadêmico, ele contesta a mecanização. Quer arrancar da natureza mais agreste e primitiva, uma imagem de elevação e permanência.

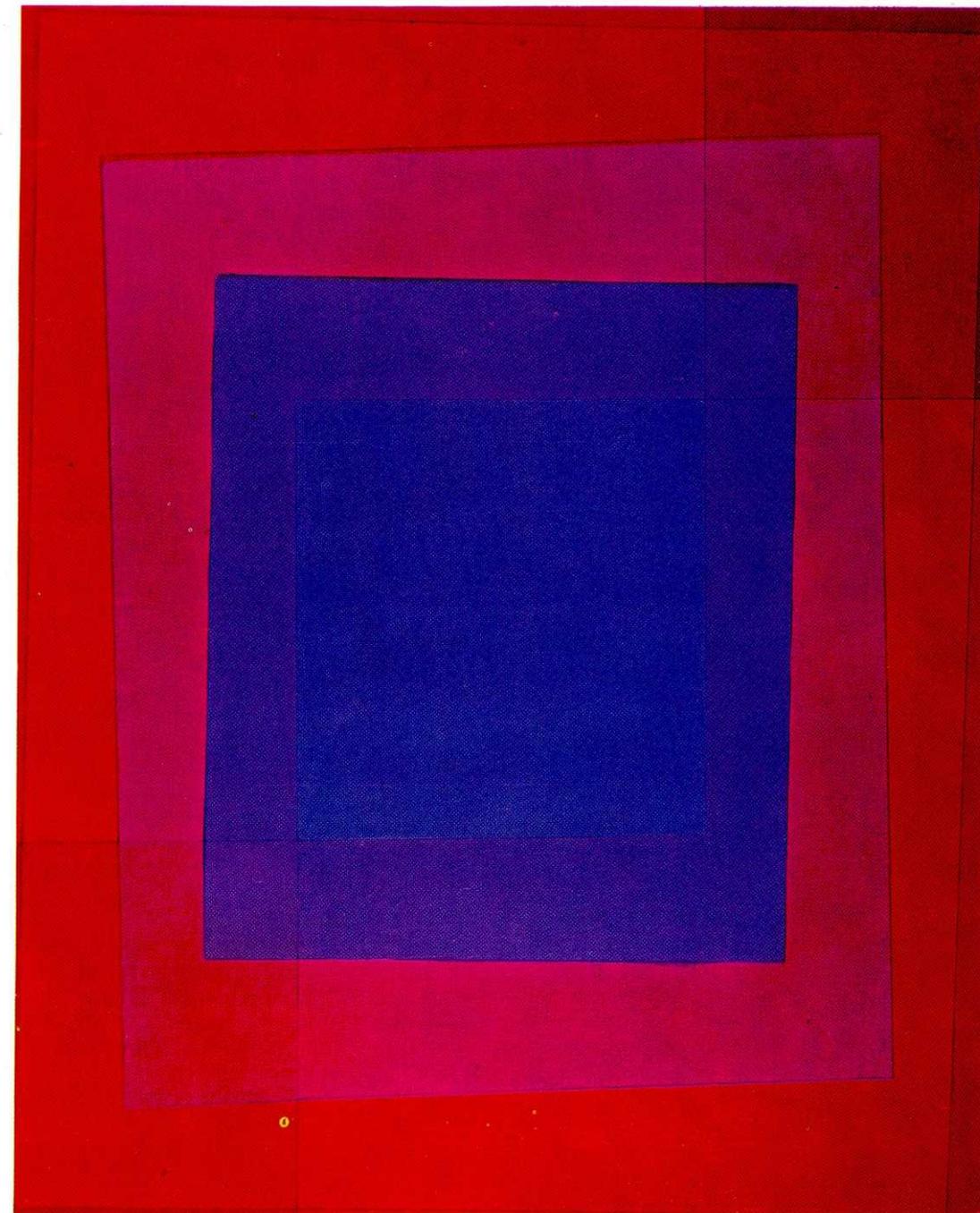
Ao lado "Escultura Abstrata, em madeira"



A RCANGELO IANELLI

Arcangelo Ianelli nasceu em São Paulo em 1922. Sua carreira artística tem-se cumprido num ritmo coerente de construção, como sua obra. Da premiação em Salões Estaduais, ao prêmio de Viagem ao Exterior no Salão Nacional de Arte Moderna, Ianelli tem cuidado de submeter sua obra à informação regional mais ampla, concorrendo com espírito didático, beneficiando e prestigiando as promoções de arte, e saindo disso altamente gratificado em termos de comunicação. Sua obra tem evoluído dentro dos limites (ilimitados) do abstracionismo. Fiel a uma visão íntima do mundo, vem pesquisando as fronteiras da forma, geometrizando para impor-se um rigor de onde tem que arrancar, com mais dificuldade, uma carga expressiva. Mestre das transparências, sua composição sobre quadrados levemente irregulares, impregnam as telas de uma profundidade poética e misteriosa. Alheio aos efeitos fáceis, suas cores surgem em tons baixos, surdamente, como uma superposição de véus rigorosamente selecionados, numa tentativa de dar corpo ao imaterial, ou visibilizar a alma da matéria. A técnica do afresco e da pintura mural, aprendida por Ianelli na década de 40, não deixa de ser referencial em sua obra atual. Os grandes espaços, a tênue matéria cromática, a leveza da tinta, ressoam muito da qualidade do afresco mural. O requinte de sua posição atual coloca-o em lugar personalizado junto à equipe de informalistas e abstracionistas brasileiros. A adaptação natural e sensível que vem fazendo, do rigor geométrico, a uma sutil espontaneidade de forma, valorizam seu trabalho, no qual há um toque que atenua a aparência demasiado racionalizante da composição. Sente-se uma vibração, que é uma lição puramente ótica, nestes espaços superpostos e sugerentes de uma profundidade construída a partir de superfícies nítidas e exatas.

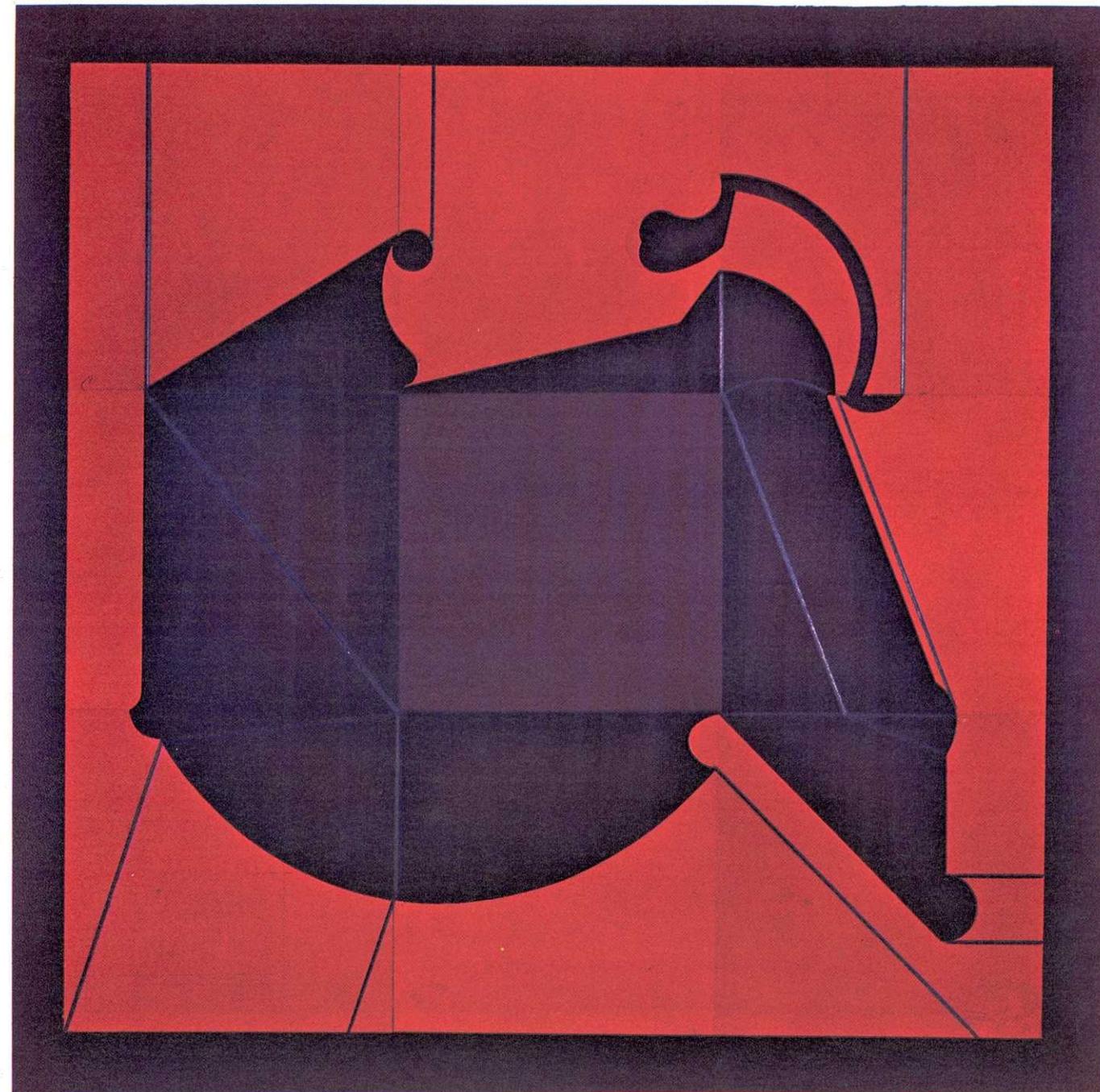
Ao lado "Composição Vermelha" — Original: 0,80 x 1,00m



ABELARDO ZALUAR

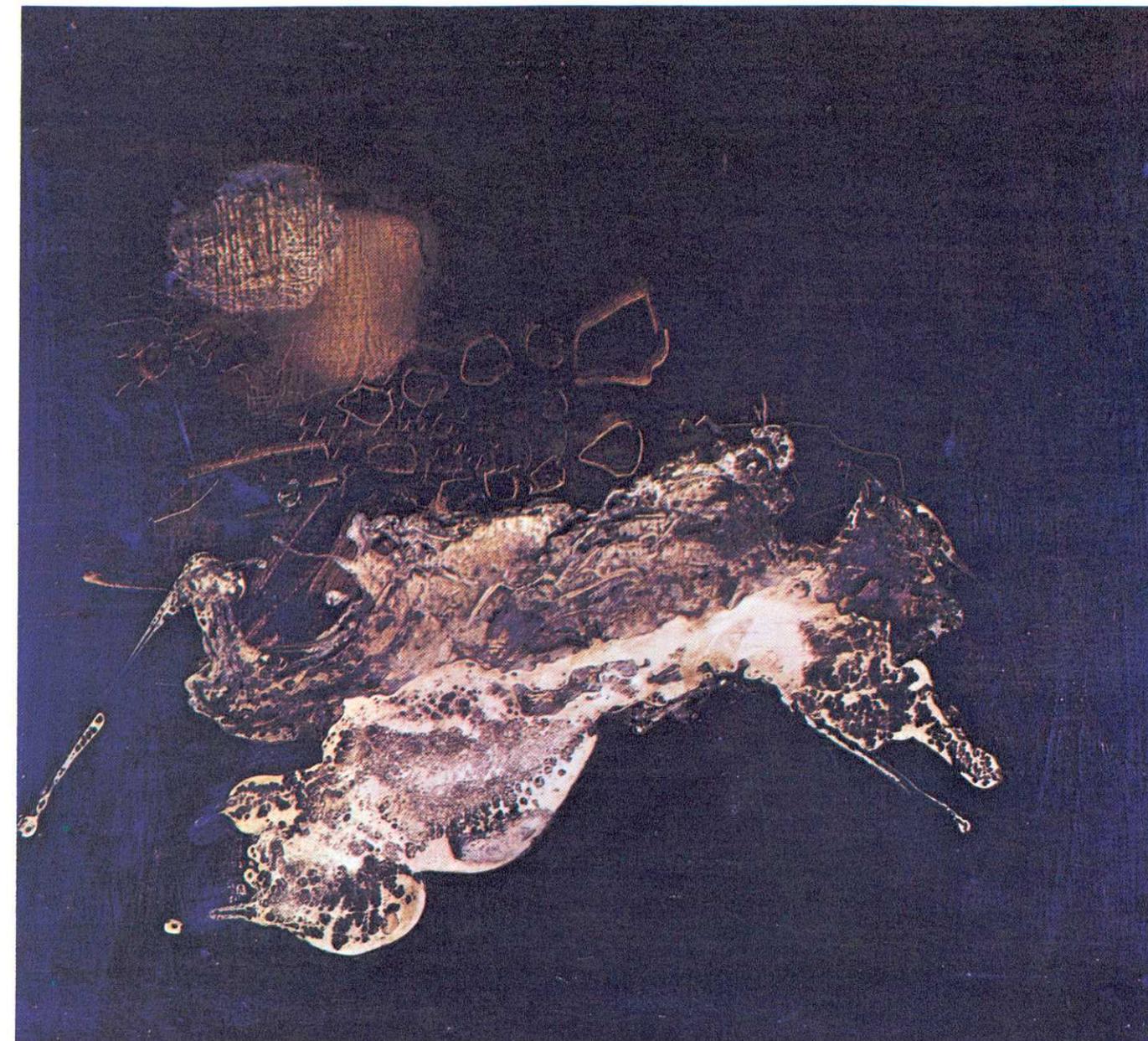
Abelardo Zaluar nasceu no Rio de Janeiro em 1924. Em 1963 obteve o prêmio de Viagem ao Exterior no Salão Nacional de Arte Moderna. Pintor, professor e especialmente desenhista, num momento em que o desenho assume posto de destaque nos salões e exposições individuais. As etapas de que se compõe uma página desenhada por Abelardo Zaluar atribuem energia e dinâmica a uma linha que corta realmente o espaço, e o superpõe de formas vasadas e interligadas, com a expressão planificada de um molde. Como uma equação matemática de rara limpeza em sua forma e conteúdo, o desenho de Zaluar participa deste levantamento orgânico da natureza respirável. Uma natureza de repente focalizada em detalhe, e posta ao avesso de sua superfície percível, para atingir uma raiz aséptica como os elementos básicos de sustentação de um corpo. Em cada um de seus desenhos há uma análise lúcida e despojada do espaço. A tridimensionalidade está conceitualmente implícita em suas pesquisas. Uma linha perfaz o curso da imagem secreta, e comunica o esquema de uma possível forma real perceptível. A **coisa** presente em seus desenhos, abstrata e enigmática, tem fórmulas matemáticas com que ser decifrada. Zaluar revela o elenco de sugestões composicionais do espaço, saturando de cor o que seria grafismo gestual, e projetando planos que abstraem dos detalhes, sem se perder do esquema genérico do cálculo. De qualquer forma Zaluar corresponde à maioria do desenho no Brasil, configurando o panorama de uma obra das mais coerentes e depuradas de nosso tempo gráfico.

Ao lado "Instrumentação" — Original: 0,70 x 0,70m



MANABU MABE

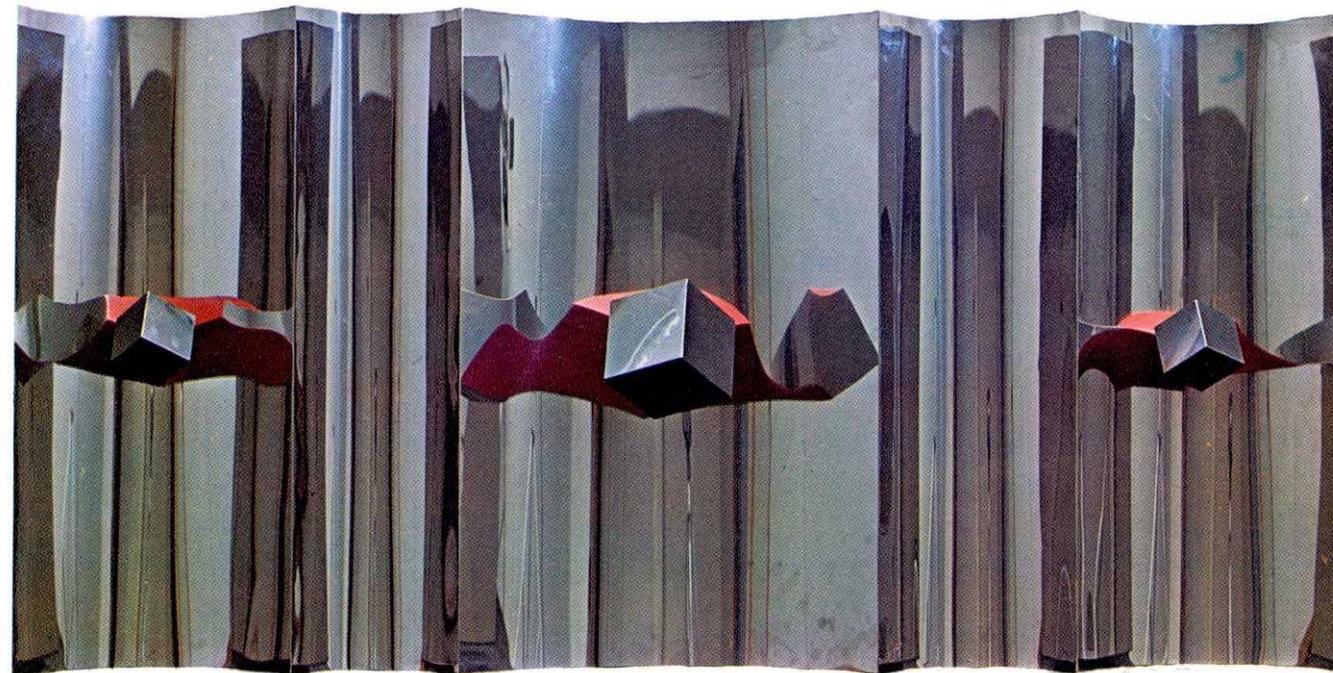
Manabu Mabe nasceu no Japão em 1924. Veio para o Brasil, como imigrante, em 1934 fixando-se em São Paulo. Começou a pintar na década de 40 e obteve o prêmio de melhor pintor nacional na Bienal de São Paulo, em 1959. No mesmo ano obteve uma expressiva premiação com pintura na I Bienal de Paris. Nos anos seguintes obteve prêmios nas Bienais de Veneza e de Córdoba. Por volta de 1957, Mabe engajou-se na tendência abstracionista da pintura brasileira, tornando-se um dos mais importantes artistas nacionais nesta escola. Carregava consigo a importante tradição da arte oriental, tão bem adaptada ao surto do informalismo europeu e norte-americano. Assim, a sabedoria da mancha expandida no espaço, a revelação emotiva de formas cósmicas, nebulosas, e a importância da cor redescoberta nestes ambientes gestuais e espacializados, marcou na obra de Manabu Mabe um momento histórico. Vários artistas, japoneses ou não, criaram neste mesmo tempo, mas Mabe ficou sendo um modelo da vitalidade e vigência das concepções abstracionistas, que tanto sucesso fizeram e ainda fazem junto ao público e à crítica. Ultimamente a experiência mabeana oscilou entre o abstracionismo radical e uma sugestão de figuras. Eram fantasmas de entidades reais assomando das manchas cromáticas, anatomias simplificadas, referências imagéticas dissolvidas em horizontes marcados pela derrama de vermelhos, verdes e azuis crepusculares.



Ao lado "Abstrato" — Original: 0,73 x 0,79m

YUTAKA TOYOTA

Yutaka Toyota nasceu em Yamagata, Japão em 1931, e reside no Brasil desde 1958. Seu trabalho evoluiu dentro da trilha do abstracionismo, da bidimensionalidade ao objeto, do qual é hoje, no Brasil, um dos mais maduros criadores. O tempo brasileiro de Toyota foi interrompido por várias vivências europeias (Milão, Munique, Londres). Pode-se dizer que sua linguagem é tranquilamente internacional, isto é, não se esforça por construir nenhuma plataforma de arte de raízes nacionais. Toyota é daqueles que visam a um Brasil integrado no esperanto da aldeia global, em termos de criatividade artística. Com vários prêmios na Bienal de São Paulo e em Salões Nacionais, sua linguagem manipula hoje a tensão, o côncavo e o reflexo, a continuidade luminescente — a reinvenção da magia. Não há dúvida de que o timbre tecnológico, envolvendo a arte e desromantizando-a, cai no inevitável horizonte de uma nova magia. Magia mecânica, ótica, científica enfim. Mas magia, pelo espanto que causa, pela surpresa da matéria que se transfigura com recursos puramente materiais e técnicos. A arte, assim, transcende a ciência, confere à ciência uma dimensão antiutilitária, de pura fruição e reflexão sobre o fenômeno social e espiritual. Toyota transpõe para a estrutura de uma geometria pura (não o abstracionismo sensual ou emotivo) os conflitos da visão contemporânea do homem, seja ele um japonês, um italiano, um israelense ou um brasileiro. Os signos de aproximação da aldeia global se simplificam, e envolvem o espectador numa onda de prestidigitação, onde a ética da liberdade e o sonho do mundo, se confundem no sinal de um novo romantismo. Um romantismo sem crinas de cavalos raptos de ninfas, mas com cortes de espelhos manipulados pela tecnologia e seus compartimentos científicos. Esta a abertura urgente e instigante de um artista como Toyota.

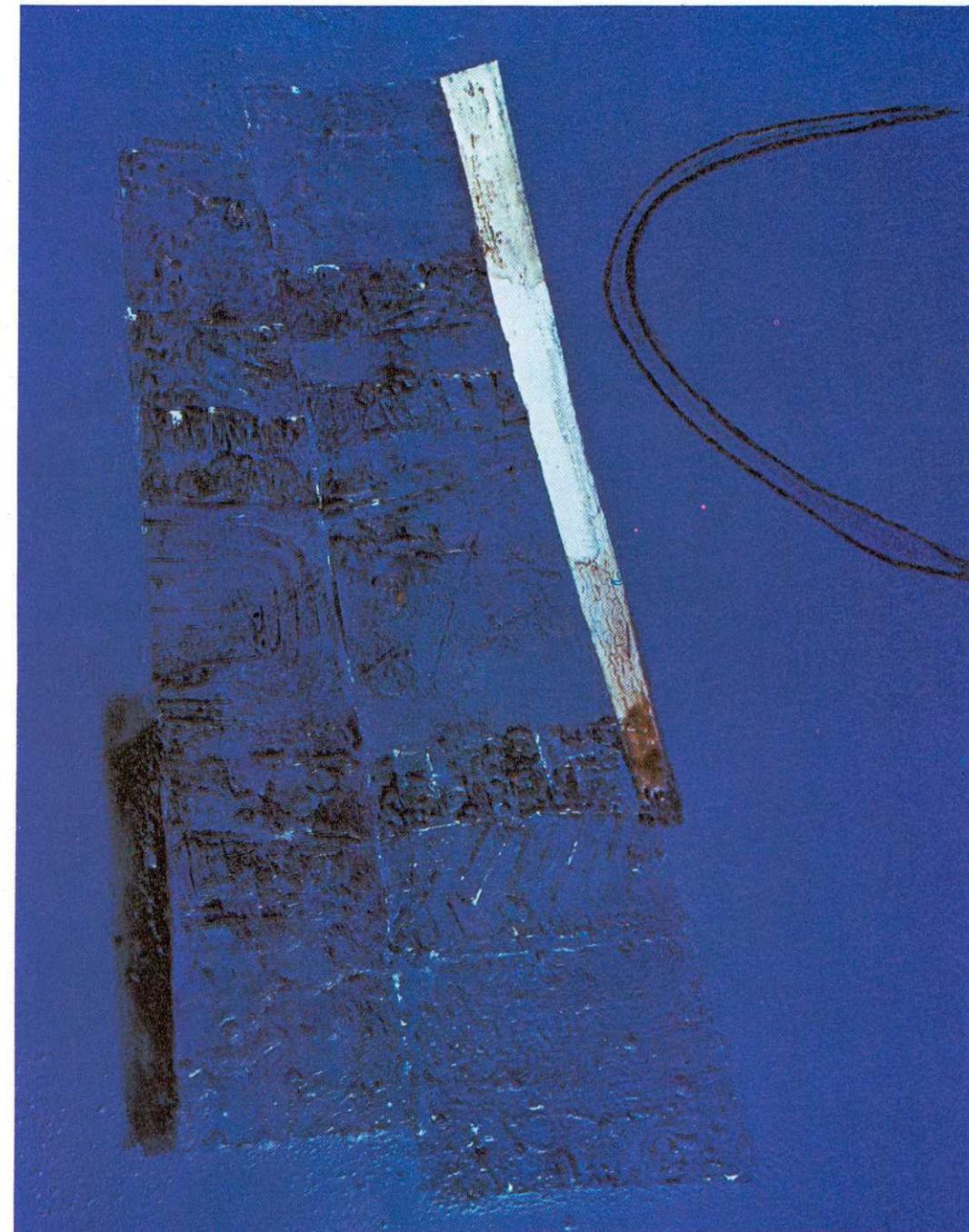


Ao lado "Espaço em 4.ª Dimensão" — Original: 0,60 × 1,60m

KAZUO WAKABAYASHI

Kazuo Wakabayashi nasceu no Japão em 1931. Estudou de 1947 a 1950 na Escola de Belas Artes de Tokio. A partir de 1961 reside em São Paulo. Sua presença valoriza a equipe de informalistas nipo/brasileiros reunidos em São Paulo. Preocupado com as texturas, que enriquece com aderências de colagens que recriam a matéria pictórica, Wakabayashi pesquisa sobre a agressividade de relevos que são fundidos num espaço geralmente monocromático. Como as terras crestadas, as erupções e os depósitos de lavas, sobretudo como as áreas agrestes e selvagememente desertas, a tela dramática de Wakabayashi é como um mapa de desolação e silêncio. Mas dessa solidão ameaça sempre assomar a vida. Na medida em que o concretismo veio por em questão, criativamente, as idéias figurativo/nacionalistas do movimento modernista de 1922, o tachismo veio reagir, no fim da década de 50, contra o radicalismo geométrico e racional do concretismo. Esta tendência informalista amadureceu alguns dos maiores pintores brasileiros contemporâneos como Iberê Camargo, Manabu Mabe, Fukushima, Ianelli, Loio Persio, etc. Nesta família de artistas que desfiguram a forma, pesquisando sua estrutura e organicidade mais íntima, Wakabayashi é figura de proa. Nem a volta normativa à figura, ou a abertura precível e intelectual do conceitualismo, nos nossos dias, esmorece o interesse por esta tendência que valoriza o gesto, que pede à mão e ao tato uma participação mais efetiva, que acumula a tinta e age sobre ela num frêmito de primeiro dia da gênese.

Ao lado "Abstração" — Original: 1,00 x 1,30m



MARIA POLO

Maria Polo nasceu em Veneza em 1937. Formada na Academia de Arte de Veneza residiu em Roma de 1955 a 1959. Em seguida veio para São Paulo e, de 1962 em diante, passa a residir no Rio de Janeiro. Seu curriculum inclui várias exposições e prêmios de pintura no Brasil e no Exterior. O informalismo de Maria Polo encaminhou-se para uma dimensão temporal, com modulações de elementos, composições construtivistas no esquema de repetição da imagem sempre abstratizante. Cores fortes, de uma abertura nitidamente tropical enquanto influência, formas chapadas de instinto gráfico, e uma simultaneidade insistente, diferenciam esta artista de seus companheiros de geração e de ofício. Apesar do aparente timbre monocórdico de sua pauta, a atenção sobre as montagens fragmentárias e recompostas de seus caleidoscópios, leva a reconhecer uma permanente invenção sobre um número limitado de recursos. Não se trata de uma artista que lide com o patético expressionista, muito menos com efeitos de luz ou transfiguração. Ela recria a realidade a partir da apetência instrumental, e esta realidade passa a ser, em sua obra, toda a realidade, o núcleo de interesse de seu laboratório.

A partir de 1960 vem expondo individualmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Florianópolis, Roma, Salvador, Washington.

Ao lado "Abstrato" — Original: 0,80 x 1,00m

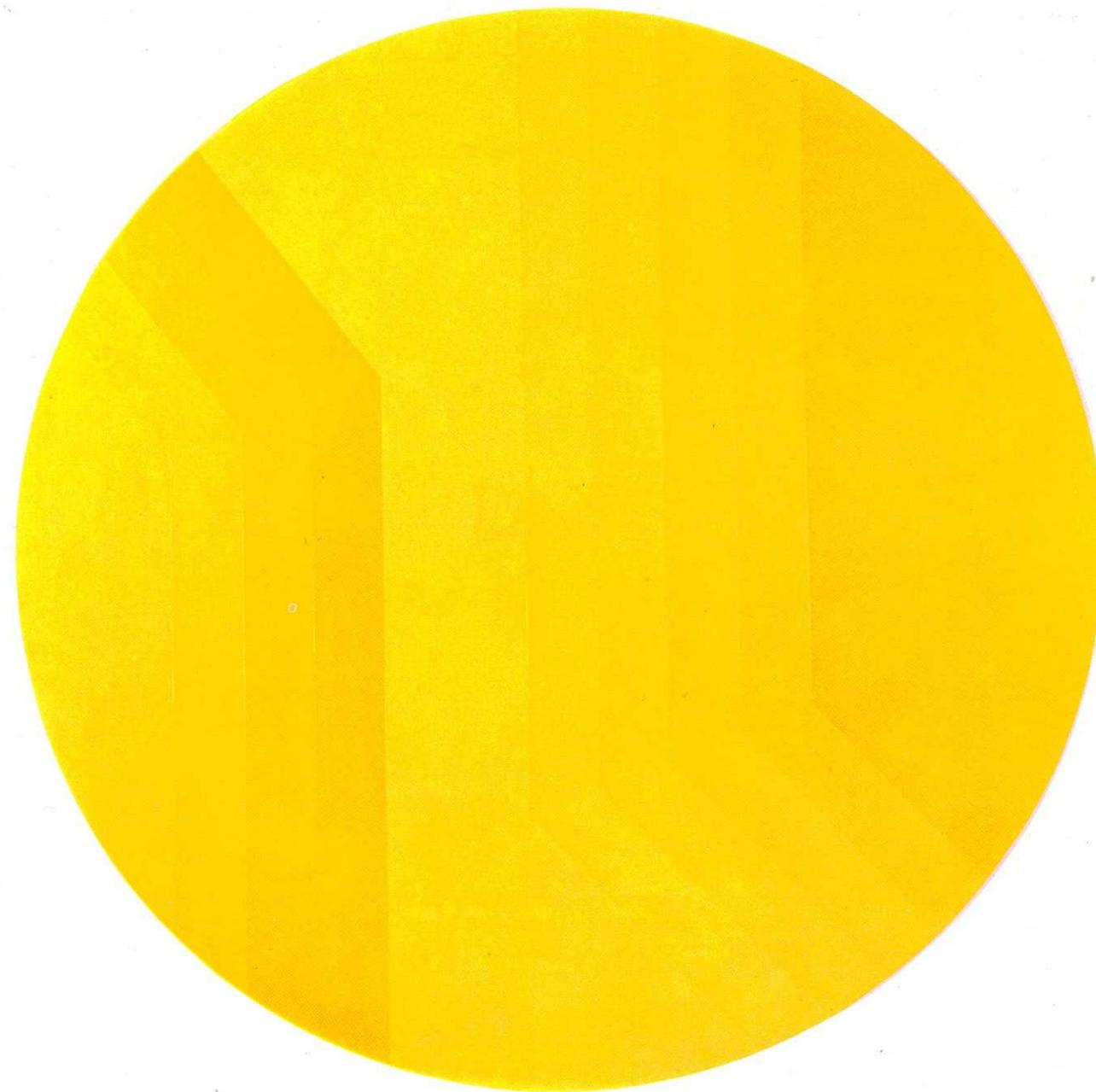


MARCIA BARROSO DO AMARAL

Marcia Barroso do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1943. De 1961 a 1966 frequentou a Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Em 1964 frequentou a Academia da Grande Chaumiere, em Paris. A partir de 1966 vem expondo individualmente e participando de coletivas e salões no país e no exterior.

A obra de Marcia Barroso do Amaral tem-se credenciado pela vinculação à minimal-art, à pesquisa geométrica e à tridimensionalidade. A posse do tridimensional, em algumas de suas fases, assumiu um enfoque puramente ótico. Posteriormente transformou-se na realidade mesma do objeto. Tem mantido, através de várias etapas de uma obra muito coerente, um timbre cromático muito especial: cores baixas e tensas, espaços silenciosos e concretos, recortes que projetam as possibilidades da forma a um plano mental e esquemático. Seu laboratório mantém uma conotação muito próxima com o design, as linhas do novo objeto prático, a reinvenção de um tempo de beleza ascética e depurada para a ambientação na era tecnológica. Daí a sua necessidade de avançar para o múltiplo, de democratizar uma experiência de proporções tão raras e requintadas. Sua geometria tende a subverter a gravidade, a flutuar no espaço, a pelo menos configurar uma possibilidade aberta de análise espacial. Sua abstração não é, portanto, uma eliminação da referência humanizante, mas um balanço de estruturas e bases de equilíbrio em que se apoie a temporalidade.

Ao lado "Círculo" — Original: 1,00 (Diâmetro)



CARYBÉ

Carybé nasceu na Argentina em 1911. A primeira fase de sua vida passou residindo em Genova, Roma e Rio de Janeiro. Data de 1950 sua fixação em Salvador, em cujo ambiente artístico se identificou a ponto de ser encarado hoje, naturalmente, como um artista bahiano. Em 1957 naturalizou-se brasileiro. Carybé realizou viagens pela América Latina e pelo Brasil, colhendo dados para uma visão de aspectos sociais e naturais sulamericanos.

Sua carreira de exposições começou em 1940 em Buenos Aires. Em 1955 receberia o prêmio de melhor desenhista nacional, na Bienal de São Paulo. Em 1963, na mesma Bienal, teve uma sala especial. Representando a arte brasileira, e especialmente a bahiana, expôs na Bienal de Veneza, na exposição Internacional de Seattle, e na mostra Artistas da Bahia em Madrid. Ilustrou obras de grandes escritores brasileiros e realizou vários painéis, sempre com temas folclóricos bahianos. Seu desenho, de uma agilidade e despojamento elogiáveis, retrata paisagem urbana, cenas populares, passos de dança e rituais de candomblé, do Estado da Bahia. Frequentemente agregou a seus trabalhos, especialmente os murais, elementos naturais como conchas e pedras, revelando sua fidelidade às forças da terra e das águas, de cujo misticismo a Bahia sobeja em graça e fecundidade. Especialista no traço em branco e preto, em povoar os espaços de figuras longilíneas e dinâmicas, Carybé alcançou a fixar um estilo de desenho, desenvolvendo seus motivos com uma visão brilhante e de permanente revisão.



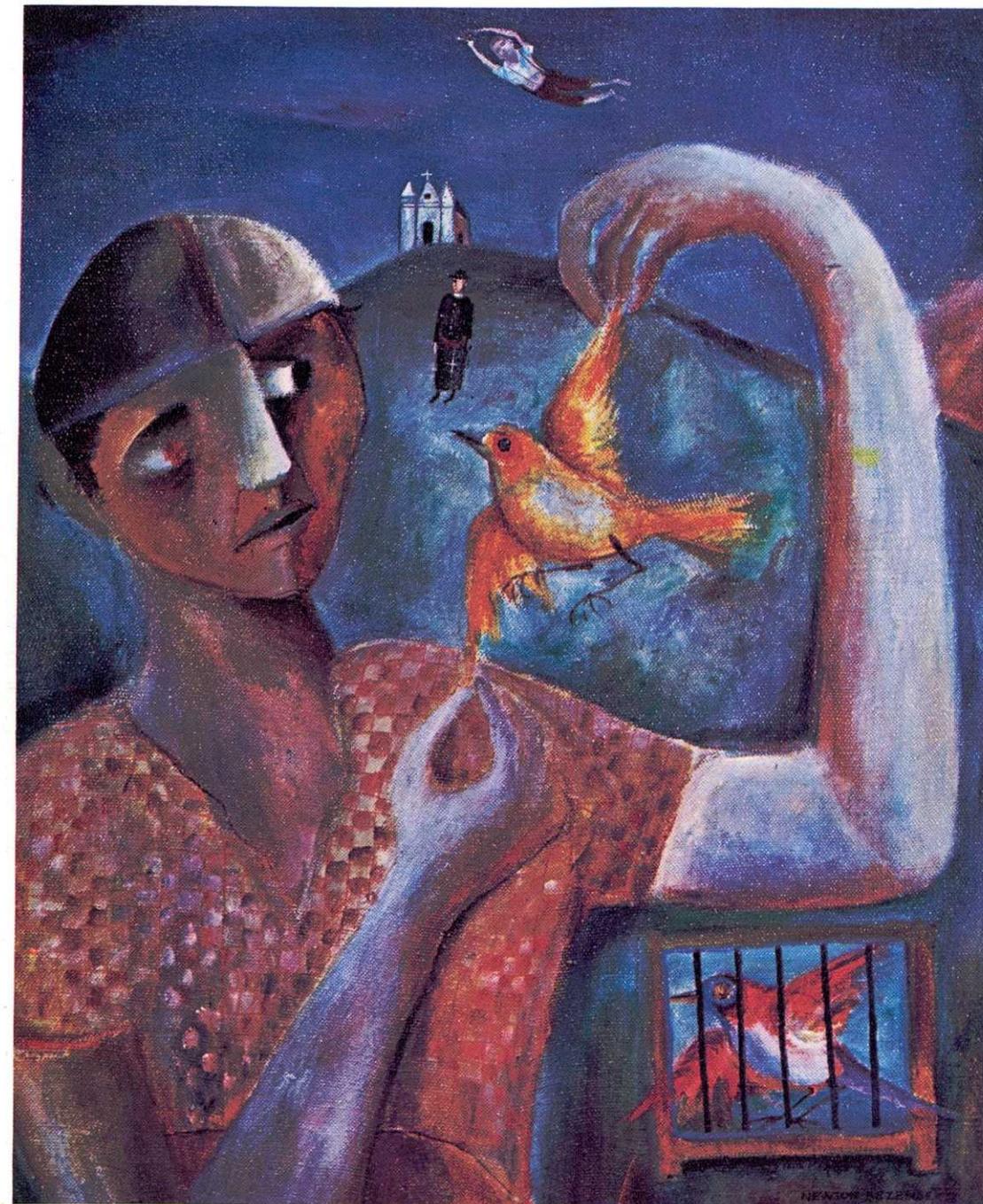
NEWTON RESENDE

Newton Resende nasceu em São Paulo em 1912. Residiu no Rio e em Buenos Aires, antes de fixar-se em Niterói, onde reside até hoje. Profissionalmente dedicou-se à publicidade, sendo um dos artistas egressos desta atividade que perigosamente adextra a técnica num rumo ilustrativo. Newton Resende soube superar este entrave, criando uma pintura altamente legível, sem ser literária.

Em 1948 Newton Resende realizou sua primeira individual, na seção carioca do Instituto dos Arquitetos do Brasil. Participou do Salão Nacional de Arte Moderna (1954/1958). Em 1954 organizou o primeiro Salão de Arte Publicitária, no Ministério da Educação e Cultura no Rio de Janeiro.

O desenho, a pintura, a colagem, são detalhes de seu instrumental técnico, e ele harmoniza as espécies de seu vocabulário plástico, na comunicação global de um sentimento dramático e nostálgico da vida. Memória da infância, a família do homem, a tribo e suas conquistas técnicas, os espelhos, os mitos, as máquinas, tudo está filtrado na sensibilidade e cultura deste artista refinado. O senso de humor, num nível universal e humanístico, timbra o clima de suas páginas visuais, nas quais se passeia pela aventura de um personagem imaginário, com o qual nos identificamos facilmente, já que esta aventura é nitidamente a do espírito. Sua obra lembra o suceder de um jornal cujas notícias não têm compromisso com a circunstância, mas com o sonho e a memória. Naturalmente vai assomando de sua iconografia, a totalidade do homem histórico, visualizado por Antônio Houaiss com tanta propriedade ao apresentar o artista numa individual há poucos anos na Galeria Bonino. Newton Resende é um modelo da capacidade do verdadeiro criador, de saltar o muro do imediatismo, para comunicar verticalmente as sensações fadadas a permanecer no jogo transitório do tempo humano.

Ao lado "Figura Humana" — Original: 0,45 x 0,55m



ENRICO BIANCO

Enrico Bianco nasceu na Itália em 1918. Em 1938 transferiu residência para o Brasil (Rio de Janeiro). Foi discípulo e colaborador de Portinari em algumas de suas obras mais importantes. Flores, nus, paisagens e cenas da faina popular, são os temas que desenvolve ciclicamente, com raros ponteiros abstracionistas. Influenciado pela técnica do mural e pelos problemas do cubismo, sua pintura apresenta uma luminescência muito especial, valorizando-se com transparências e com uma dinâmica de composição, amadurecidas numa disciplina de trabalho com o qual sua própria vida se confunde. Bianco participou da I Bienal de São Paulo em 1951 e, como artista convidado, da II Bienal do México (1960). Sua carreira de exposições, no Brasil, começou em 1940 quando expôs no Palace Hotel (Av. Rio Branco) no Rio de Janeiro. Em seu ofício, tem resistido a todas as investidas dos movimentos nacionais e internacionais, que contestam ou contestaram os suportes tradicionais das artes plásticas. Assim, sua pintura evolui linearmente, dentro de seus princípios pessoais, sem renovação intencional, mas com uma visível atualização de seus próprios dons. Um dos pintores mais disputados pelos compradores, consegue integrar, com sua obra, a forma natural que a ótica assimila com prazer, a certos problemas plásticos, inerentes a esta forma, e que o artista reformula e analisa em cada quadro.

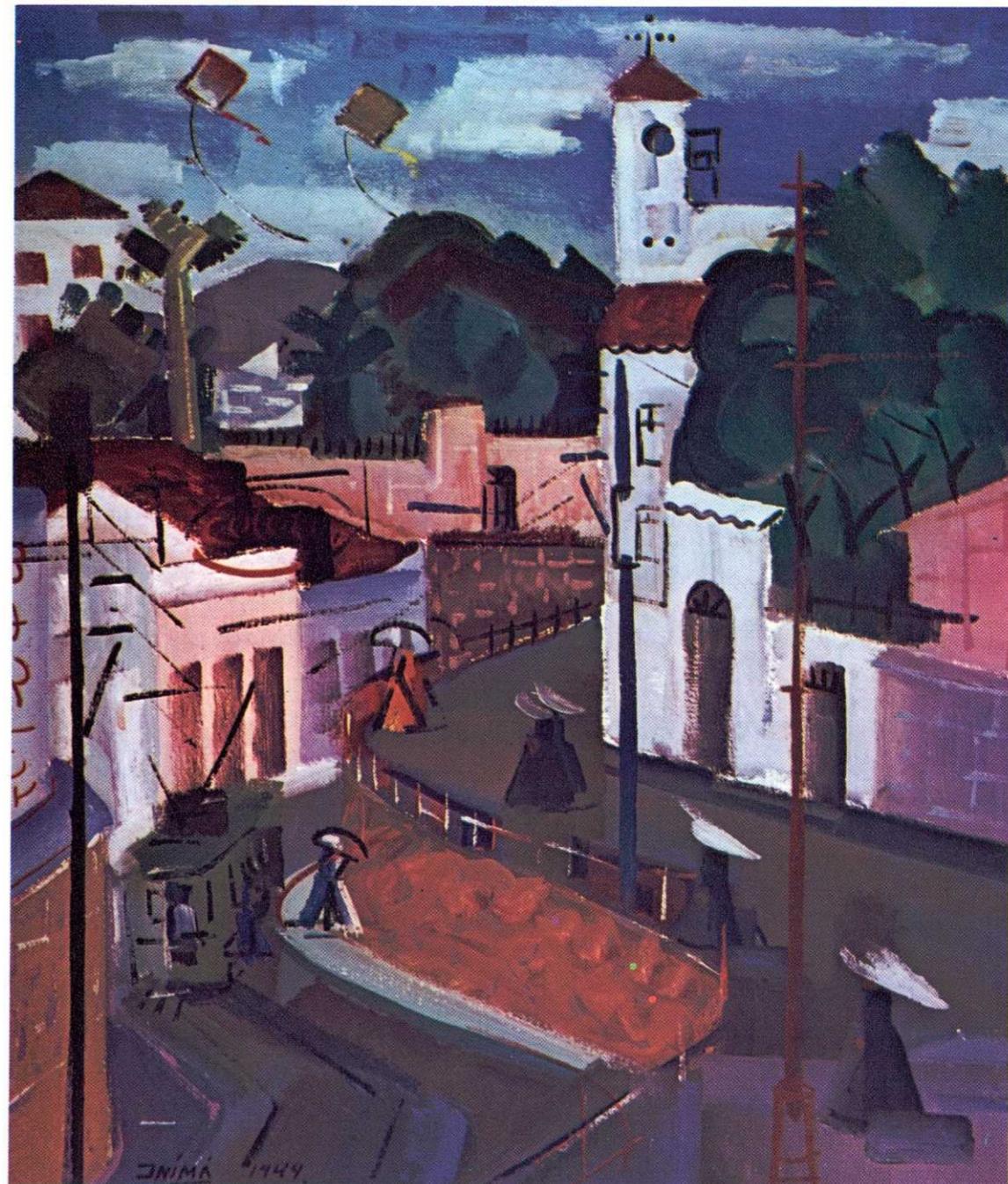


Ao lado "Nú Azul" — Original: 0,46 x 0,60m

INIMÁ DE PAULA

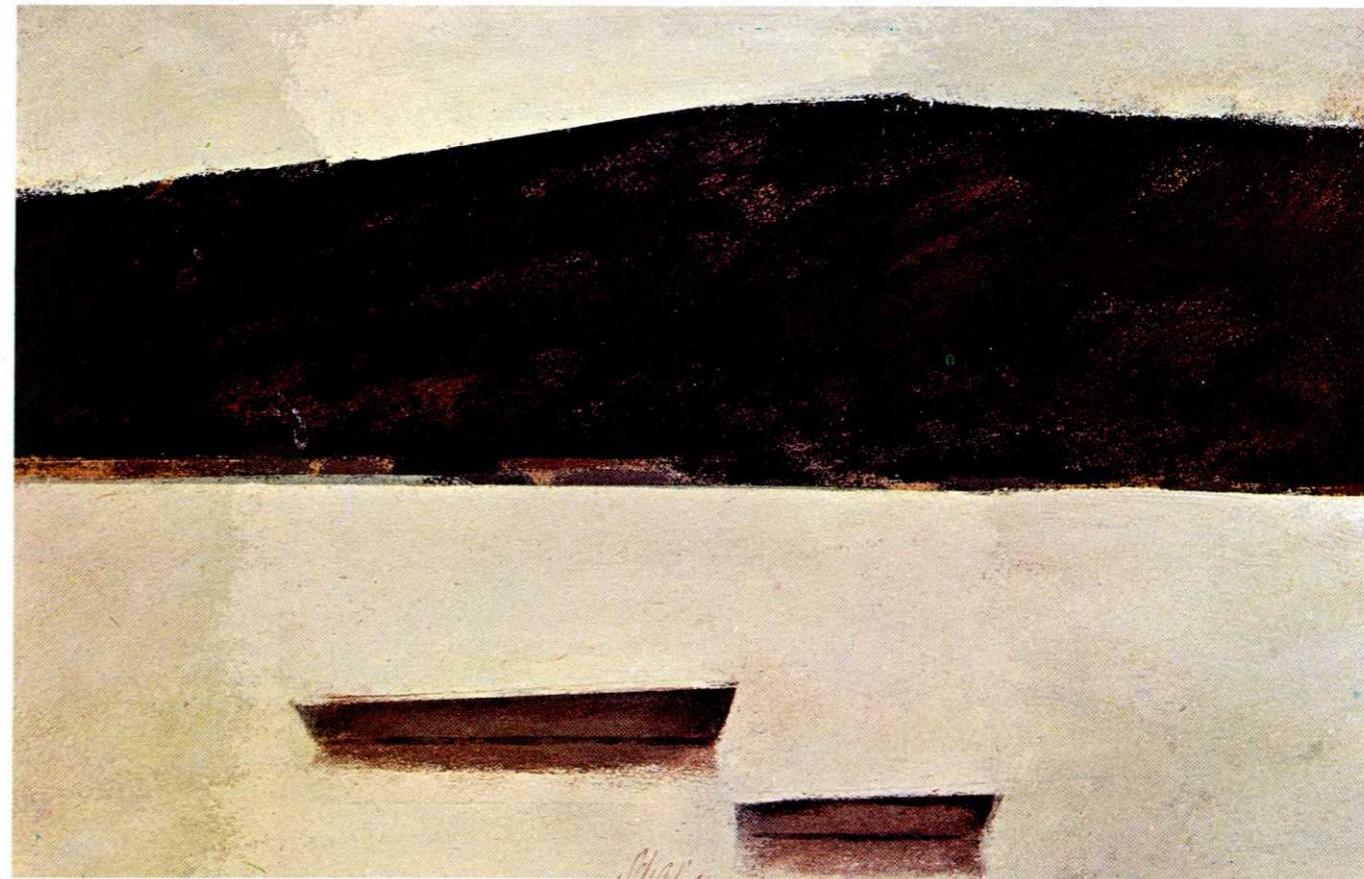
Inimá de Paula nasceu em Minas Gerais em 1918. Depois de breve estada no Rio de Janeiro, participou, no Ceará, do Grupo Cearense, com Aldemir Martins e Antônio Bandeira. Em 1952 conquistou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna e, de sua permanência em Paris, resultou uma fase abstrata. De volta ao Brasil, retoma a figuração de caráter expressionista, que desenvolveu até hoje. Residente em Belo Horizonte, desenvolve um trabalho de ensino e firma-se como o pintor mais importante da região, cujo contingente de criatividade é principalmente gráfico (desenho e gravura). Sua paisagem e figuração em geral, ao contrário de Guignard, que criava uma atmosfera de lirismo e transparência com que aprisionar suas figuras e horizontes, vem marcada por um grafismo forte e por uma concepção construtivista do espaço. A cor é apaixonada deixando assomar aquele gestualismo tão próprio ao verdadeiro expressionismo. A pincelada visível no quadro deixa registrada a emoção com que o artista percorre a zona de matéria. Trata-se de um pintor de forte instintividade, alheio à preocupação de movimentos e tendências, introvertido e incisivo na colocação de seus problemas plásticos. A interpretação da realidade em seu ofício, foge de qualquer nível documental. Interessa-lhe mais a dimensão emotiva que a forma e o ritmo da pincelada proporcionam, envolvendo o motivo imediato num filtro de interpretação que diz respeito à visão subjetiva do artista sobre as coisas. Em 1965 Inimá foi condecorado com a Medalha do Mérito da Inconfidência, pelo Governo de Minas Gerais, a maior homenagem prestada até hoje a um artista plástico mineiro.

Ao lado "Ladeira Santa Terezinha" — Original: 0,54 x 0,65m



CARLOS SCLiar

Carlos Scliar nasceu em Santa Maria, em 1920. Foi um dos pioneiros, no Rio Grande do Sul, do movimento de novos gravadores, instaurado na década de 50. Participou como combatente na Segunda Guerra Mundial (1944/45). Voltou em seguida para o Brasil retornando à Europa, para um novo período, em 1947. Voltando ao Brasil radicou-se no Rio Grande do Sul onde fundou, com outros artistas gaúchos, o Clube da Gravura. Em 1956 fixou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se então à pintura. Tem cumprido um curriculum intenso de exposições, no Brasil e no Exterior, tendo realizado também uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna, há poucos anos. Como pintor é que, definitivamente, se consagrou. Uma pintura de matéria rarefeita, bem na linha metafísica da pintura gaúcha contemporânea, com atmosfera de transfiguração da realidade através de transparências cromáticas. Tem aderido, certamente por influência do gráfico importante que é, a colagens integradas à matéria pictórica, fundindo com maestria os elementos que assim se esquematizam numa pesquisa sóbria de texturas. Uma pintura inteligente, de intencional frieza, sempre dissecando os objetos e a paisagem, tendendo a uma análise crítica da decomposição da forma. Tem sido um estimulador da interpretação serigráfica, junto aos artistas de sua geração e mais jovens. Como ilustrador está ligado a edições importantes de obras de Jorge Amado e foi marcante sua atuação na chefia do departamento de arte da extinta revista Senhor. Tem realizado painéis para edifícios públicos, mas é no caráter intimista de sua pintura, em sua dimensão interior e exterior, que reside a primícia de sua produção. Uma pintura para ser fruída em seu silêncio, naturezas mortas e barcos que flutuam numa expectativa que faz pulsar o espaço.



Ao lado "Entardecer com dois Barcos" — Original: 0,36 x 0,56m

REYNALDO FONSECA

Reynaldo Fonseca nasceu no Recife em 1925. Até 1969 atuou em Pernambuco, no Rio de Janeiro e viajou pela Europa. Lecionou na Escola de Artes da Universidade de Pernambuco e realizou sua primeira exposição no Rio de Janeiro em 1944, individualmente. Data contudo, de 1969 sua exposição na galeria Bonino e sua transferência definitiva de residência para o Rio. O sucesso de público e de crítica, decidiram sua situação de pintor nacional dos mais instigantes de nosso tempo. Sua matéria poética e misteriosa, que tangencia a luminosidade e a magia dos pintores renascentistas, serve à perfeição aos temas imaginosos e infiltrados de um humor aristocrático e sobrenatural. Reynaldo Fonseca especula o divino equilíbrio, o imponderável reduto da surpresa metafísica. Num tempo de bruxos, levitações e premonições, é de se meditar sobre a pintura deste pernambucano, embebido em liturgias terrestres, analista de símbolos e situações que transpassam o real e projetam no âmbito do non-sense e do prodígio, suas possibilidades expressivas.

O surrealismo de Reynaldo Fonseca, diferentemente de tantos especialistas contemporâneos desta tendência, que desagregam a forma e dinamitam a integridade do ser, repercute nele como um instrumento íntegro e perfeito. O relacionamento das coisas no ambiente é que cria uma nova ordem de percepção e revelação. Seus bichos de comportamento arcaico, suas arcas invulneráveis, suas janelas e horizontes de uma placidez arcangélica, seus retratos sensíveis e enigmáticos, tudo reflete a concentração de um tempo visual resolvido numa disciplina religiosamente aberta. Uma disciplina que não dissimula qualquer aventura mental, e que marca esta obra de Reynaldo Fonseca como uma das mais eficientes e tecnicamente resolvidas da pintura brasileira de hoje.

Ao lado "Menino com Máscara" — Original: 0,60 x 0,73m

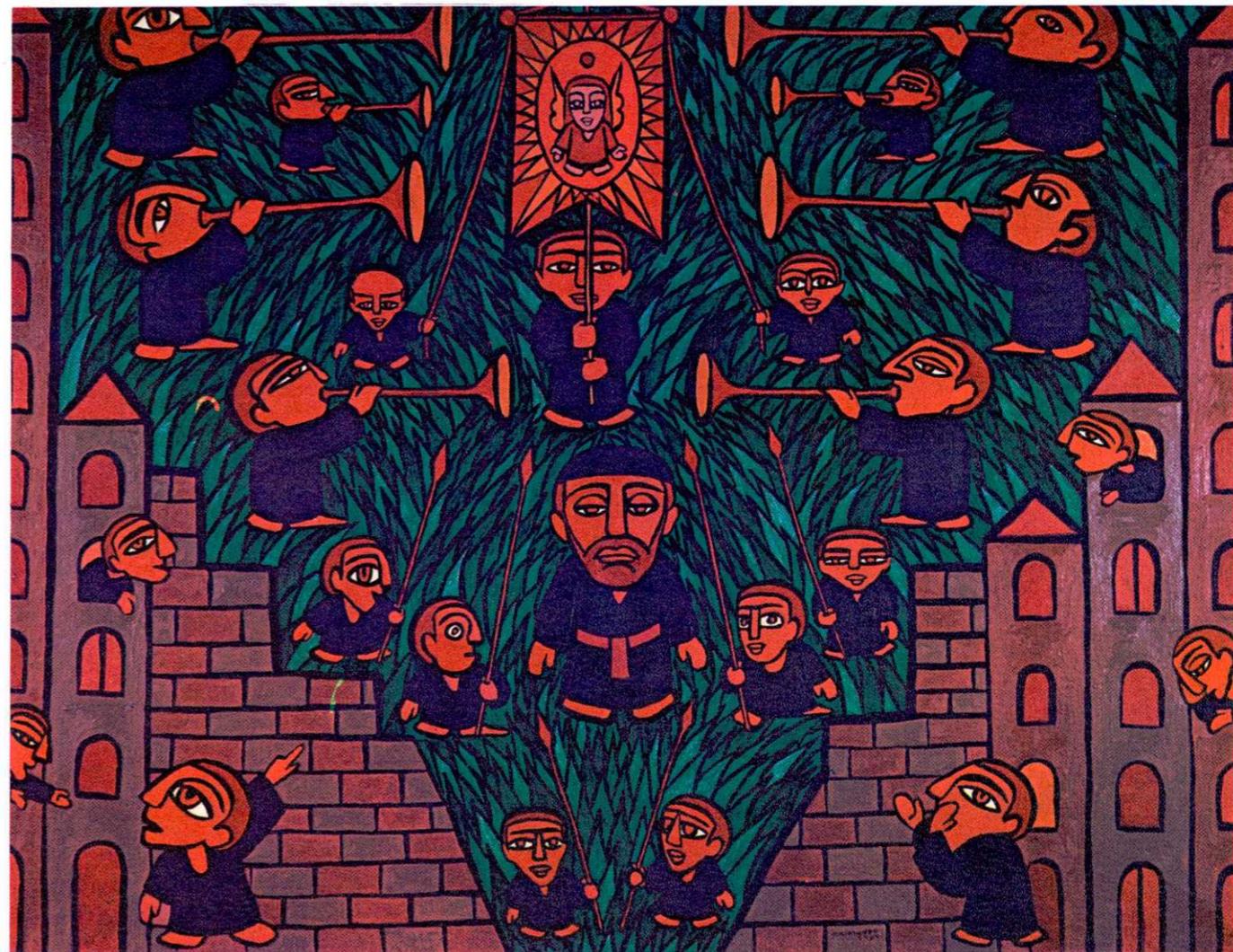


R AIMUNDO DE OLIVEIRA

Raimundo de Oliveira nasceu em Feira de Santana, Bahia, em 1930. Faleceu em Salvador, em 1966. Desde cedo dedicou-se a pintar cenas bíblicas, primeiro com uma linguagem expressionista, posteriormente com a linearidade inventiva de um destacado criador de uma imagética ingênua. Em 1958 Raimundo de Oliveira radicou-se em São Paulo, participando a partir de então de vários salões nacionais, e obtendo a consagração da crítica e do mercado. Sua Via Sacra, considerada por muitos a obra prima de sua produção, foi realizada entre 1958 e 1959.

Dos muitos pintores de temas sacros no Brasil, Raimundo de Oliveira destacou-se, principalmente na segunda fase de sua produção, pela visão pessoal que revelou, criando uma figura que se repete em todos os personagens, e dedicando-se a fixar um clima comunitário, festivo, de cores vivas, vitralizando as cenas frontalizadas dos santos Testamentos. Há qualquer coisa da técnica da história em quadrinho e do cinema, ou seja, das trilhas da nova comunicação, nos quadros apaixonantes deste pintor tão infeliz como pessoa. Sem cair no anedótico e no ilustrativo, seus flashes desdramatizam os climas do roteiro de fé, a ponto de interessar aos menos interessados nos assuntos religiosos. Daí a universalidade de seu depoimento, transformando num romanceiro cheio de vitalidade e graça, os graves ditames da saga do cristianismo e do Velho Testamento.

Raimundo de Oliveira participou da Bienal de São Paulo (1963 e 1965), Salon de Comparaison (Paris, 1965), Avaliação da Pintura Latino Americana (Caracas, 1965), Artistas e Descobridores de nosso tempo (Lausanne, 1966), Pintores Primitivos Brasileiros (Moscou, 1966), Artistas da Bahia (Madrid, 1966), entre outras. Na Bienal de Artes Plásticas de Salvador (1966) teve uma sala especial póstuma.



JOSÉ MARIA

José Maria nasceu em Valença, na Bahia, em 1935. Ao lado de Rubem Valentim, é um dos pintores de real importância da arte contemporânea baiana. Estudou desenho com Juarez Paraiso e gravura com Mario Cravo Junior, em Salvador. Tem participado da Bienal de São Paulo e do Salão Nacional de Arte Moderna. O mundo melancólico de seus personagens constitui-se numa expressão real dentro da nova pintura brasileira. Sua gravura, de excelente qualidade, em sua fase mais importante homenageou intencionalmente Goeldi, mestre de soturnidades e técnica, cuja atmosfera José Maria repetiu em muitos de seus trabalhos. Esta repetição, inteligente e lúcida, jamais foi confundida com a mais leve sombra de plágio, mas de homenagem a um dos maiores artistas que o Brasil já produziu, Oswaldo Goeldi. Também na sua pintura José Maria retratou uns seres tímidos e humilhados, envoltos na sombra e na pungência de uma estação varrida de abandono e tristeza. O expressionismo é seu ar respirado. Sua cor passional e quente, vê-se tensionada por áreas negras caprichosamente construídas no plano da composição.

Sua paisagem mais recente, vê-se iluminada de uma nova luz, mais aberta e otimista, sem perder a natural retratação da condição humana, em seu estágio menos privilegiado. Homem do povo, José Maria retrata o povo, e o povo do sertão, dos interiores brasileiros, com menos recursos e menos esperança. A isto José Maria acrescenta uma dose pessoal de aflitiva indolência — são seres que esperam com os olhos perdidos, um apoio invisível e inimaginável. Sem qualquer concessão, fixando circunstâncias deprimentes, José Maria consegue criar uma pintura fascinante, o que nos leva a crer que a qualidade supera a influência do motivo. A qualidade e a tensão, a profundidade pulsante daqueles seres tão comuns, integrados na paisagem mais trivial e humilde.



HEITOR DOS PRAZERES

Heitor dos Prazeres nasceu no Rio de Janeiro em 1902. Iniciou sua carreira artística como sambista e compositor. Paralelamente realizou uma obra pictórica de importância, em seus exemplos mais elaborados e pessoais. Uma obra que sofreu muito plágio e que não se manteve no nível dos melhores anos, no fim da vida do pintor. Isto, na produção de um artista popular e naif, é compreensível e comum. De qualquer forma, pela originalidade das imagens e situações de seus motivos, Heitor dos Prazeres, está incluído no elenco não muito numeroso dos mais importantes pintores ingênuos do país.

Heitor dos Prazeres começou a pintura em 1937, sempre como autodidata. Sua pintura refletia o ambiente de sua vida, as rodas de samba, as cabrochas, as cenas da vida popular. Numa pintura de cor chapada, com um delineado muito nítido, utilizando a frontalidade e violentando naturalmente a perspectiva, Heitor dos Prazeres participou da Bienal de São Paulo (1951, 1953 e 1961) e de coletivas de arte brasileira no Chile, Peru, Argentina, França, etc. No I Festival de Arte Negra de Dacar (1966) foi figura exponencial.

A crítica não hesitou em catalogar Heitor dos Prazeres como o primeiro pintor ingênuo de real importância surgido no Brasil. Atestam isto declarações de Carlos Cavalcanti e Jayme Maurício. No momento em que se intenta um levantamento desta arte rara e falsificada, no sentido de separar o joio do trigo, era interessante examinar retrospectivamente a produção de Heitor dos Prazeres, este estranho pintor que declarou "a pintura é o meu melhor suicídio". Heitor dos Prazeres faleceu no Rio de Janeiro em 1966.



DANILO DI PRETE

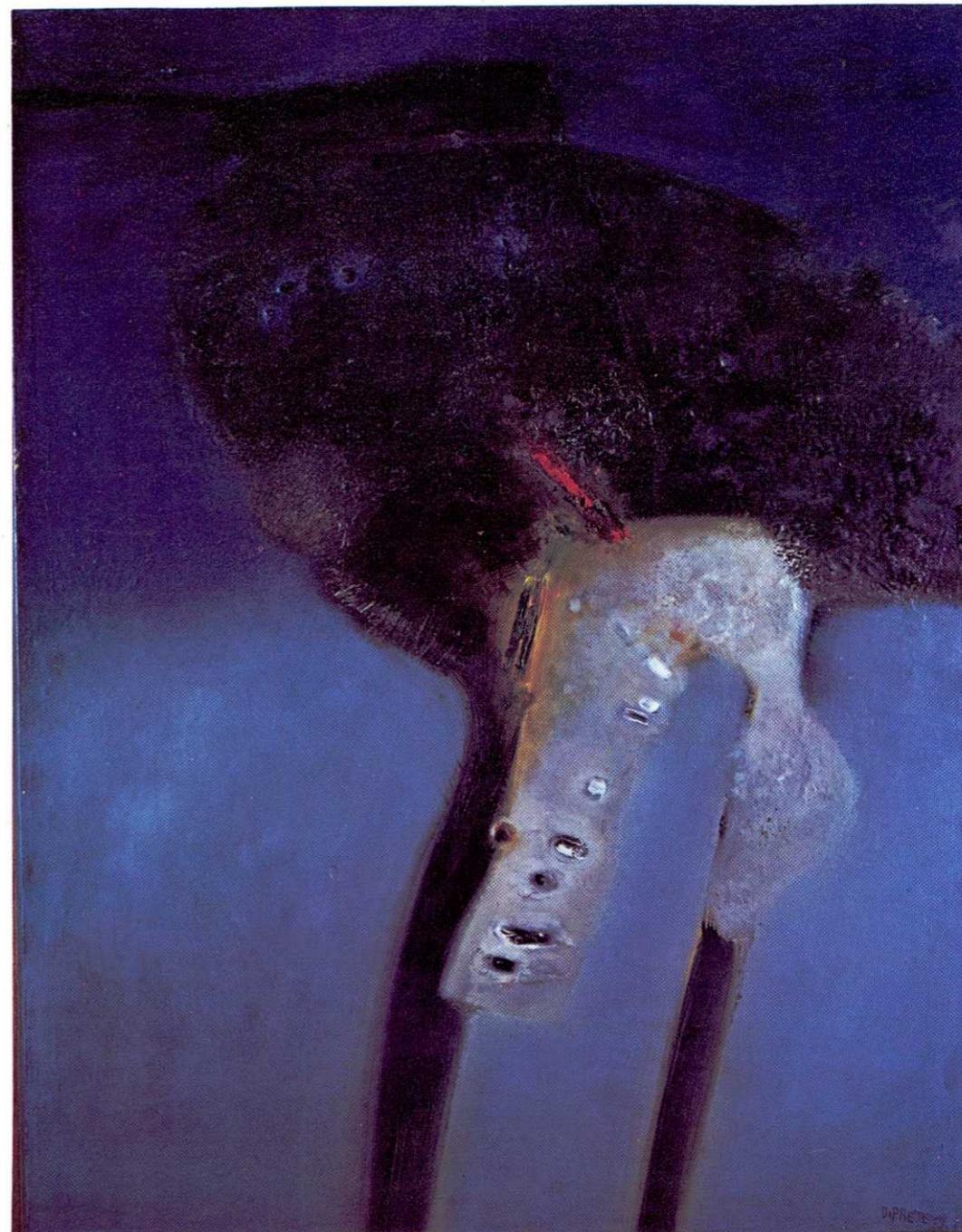
Danilo di Prete nasceu em Pisa, na Itália, em 1911. Antes de vir para o Brasil participou de movimentos de arte na Itália, especialmente do Grupo dos Artistas Italianos em Armas. Vindo para o Brasil fixou-se em São Paulo onde reside até hoje. Conquistou vários prêmios na Itália e no Brasil, aqui especialmente no Salão Nacional de Arte Moderna e na Bienal de São Paulo. Participou da Bienal de Veneza, representando a arte brasileira.

A obra de Danilo di Prete notabilizou-se especialmente por sua pesquisa do abstracionismo, um abstracionismo que passou do tachismo puro e simples, ao acréscimo de elementos compostos, abrindo uma nítida sugestão de paisagem cósmica. Neste rumo chegou à manipulação de instrumental cinético, utilizando luz e som, movimentos virtuais que transformam a obra de arte num organismo vivo. Danilo Di Prete tem evoluído dentro desta pesquisa, e nos subseqüentes aparecimentos que tem mantido na Bienal de São Paulo, onde conquistou o prêmio de melhor pintor nacional (1951 e 1967), tem mostrado sua obstinada pauta de linguagem, na qual ressaltam a disciplina formal e a categoria inventiva.

Apesar de suas investidas na tridimensionalidade, especialmente na magia tecnicista da eletrônica e das engrenagens, seu ofício mantém-se fiel aos princípios básicos da pintura. Pode-se dizer que Di Prete é antes de tudo um pintor, ainda que montando máquinas ou espaços luminosos, ainda que criando uma cosmogonia com a matéria em fase de organização planetária.

Di Prete possui obras no Museu Histórico de Berlim, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu de Arte Moderna da Bahia, no Museu Histórico de Castel Sant'Angelo (Roma), entre outros.

Ao lado "Pássaro Azul" — Original: 1,00 x 1,30m



ROSINA BECKER DO VALLE

Rosina Becker do Valle nasceu no Rio de Janeiro em 1914. Um estágio distraído de exercício de pintura, foi conscientizado pela análise de Ivan Serpa, com quem trabalhou em curso no Museu de Arte Moderna. Daí em diante a pintura passou a ser atividade primordial em sua vida. De 1957 para cá vem participando de salões e realizando individuais, destacando-se no panorama dos artistas ingênuos nacionais. Sua pintura, apesar da informação e da participação profissional da artista, tem-se mantido com um vocabulário nitidamente primitivo, rústico, instintivo. Seus quadros parecem sempre brotar de uma região intocada da imaginação, pelas soluções dadas a temas religiosos, festivos e regionais, pela manifestação popular de vida. Há uma sensação agradável e surpreendente de imperícia, em seus trabalhos exaustivamente tramados de figuras e cores. Daí o seu valor: filtrar o requinte com uma linguagem aparentemente descontraída, marcar o saber fazer através de matéria pictórica iluminada pelo instinto. Sua visão é dramática. Seus carnavais são báquicos e inocentemente demoníacos, suas selvas são cheias de olhos dissimulados. O sentimento do perigo, da fantasmagoria, pulsa em suas cenas sertanejas, geralmente de uma amplitude espacial que as distancia da realidade e marca o plano de invenção. Rosina Becker do Valle não hesita em utilizar tintas douradas em seus santos barrocos, suas sereias têm meneios de virgens deslumbradas e ansiosas. A vida, o sensualismo ingênuo, o prazer de uma pintura densa e palpitante de ritmo, valorizam o dia a dia desta obra intensa e original.



VAN MORAIS

Ivan Morais nasceu no Rio de Janeiro em 1936. Depois de uma fase de estudos com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna, participou de alguns salões nacionais e da Bienal de Paris, destacando-se pela qualidade e personalidade de sua figuração. Artista de poucas exposições constitui uma figura aparte em nosso panorama, um jovem artista de temática popular, que não se preocupa em expor nem em ostentar um curriculum numeroso em datas e acontecimentos. Ivan Morais vive tranqüilamente seu tempo de subúrbio, tem consumo certo e seguro para sua obra. Os temas principais de seus quadros são as bahianas ataviadas, tão presentes na pintura dos intérpretes da cenografia popular, influenciados por um conceito turístico do pitoresco nacional. Mas as bahianas de Ivan Morais, como suas naturezas mortas prósperas, maduras e felizes, credenciam-se por um detalhismo de renda e ambientações decorativas, onde se nota a elaboração e o prazer inventivo do artista no desdobramento das formas. Sabendo muito bem lançar o branco em espaços cromáticos muito ricos, ele distribui sobre os brancos uns grafismos que são o caminho de um bordado ou de um croché minucioso, labiríntico, pelo qual distrai o olho do espectador e equilibra o fascínio visual. Sua obra mostra o prazer de viver e comunica este sentimento tão urgente. Num tempo de crise, de catástrofes e martírios, o coração humano anseia por um parêntese ainda que fugaz de ilusão e sonho. E o certo é que a condição humana se baseia nestes dois polos circunstanciais de vivência, razão a mais para que se entenda o sucesso de uma pintura como a de Ivan Morais, importante no limite do decorativo e da documentação.

Ao lado "Baiana" — Original: 0,81 x 1,00m



ARTISTAS BRASILEIROS

ACERVO DO GRUPO SUL AMÉRICA DE SEGUROS

ALVES, João
AMARAL, Marcia Barroso do
BIANCO, Enrico
BOUTS, Bernard
BRENNAND, Francisco
CAMARGO, Iberê
CARYBÉ
DACOSTA, Milton
DI CAVALCANTI, Emiliano
DI PRETE, Danilo
DJANIRA, da Mota e Silva
DUPONT, E.R.
ESPINEL
FARNESE de Andrade
FLEXOR, Samson
FONSECA, Reynaldo
FUKUSHIMA, Tikashi
GUILLAUME, J.
IANELLI, Arcangelo
INIMÁ de Paula
JOSÉ MARIA
KRAJCBERG, Frans
LARA, L.
LEAL, Paulo Roberto
MABE, Manabu

MARCIER, Emeric
MASUMI
MORAIS, Ivan
NICOLAO, Theresa
OHTAKE, Tomie
OLIVEIRA, Raimundo de
OSWALD, Henrique
PANCETTI, José
PIZA, Artur Luiz
POLO, Maria
PORTINARI, Candido
PRADO, Adelson do
PRAZERES, Heitor dos
RAYO, Omar
RESENDE, Newton
SASHIKO
SCLIAR, Carlos
SILVA, Benjamin
SILVEIRA, Elisa Martins da
TERUZ, Orlando
TOYOTA, Yutaka
VALLE, Rosina Becker do
VOLPI, Alfredo
WAKABAYASHI, Kazuo
ZALUAR, Abelardo

Impresso no Brasil:
COLORAMA Propaganda Fototécnica e Artes Gráficas Ltda. — RIO, RJ
Novembro, 1975

